



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

EDNA DE OLIVEIRA

ADOLESCENCIA E VIOLÊNCIA EM RONDONÓPOLIS – UM ESTUDO DE CASO

RONDONÓPOLIS – MT
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

EDNA DE OLIVEIRA

ADOLESCENCIA E VIOLÊNCIA EM RONDONÓPOLIS – UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação, como requisito parcial para aprovação no curso de Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Priscila de Oliveira Xavier Scudder.

RONDONÓPOLIS – MT
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

O48a Oliveira, Edna de.
ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA EM RONDONÓPOLIS -
UM ESTUDO DE CASO / Edna de Oliveira. -- 2018 58 f. :
il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Dra. Priscila de Oliveira Xavier Scudder.
TCC (graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Mato
Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Adolescentes Negros. 2. Violência. 3. Mídia. 4. Sociedade. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ADOLESCENCIA E VIOLÊNCIA EM RONDONÓPOLIS – UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso/ Campus de Rondonópolis, para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Priscila, de Oliveira Xavier Scudder_____

Orientadora – UFMT/CUR

Prof. Me. Ivanildo José Ferreira_____

Examinadora – UFMT/C

Prof. Me. Bruno do Prado Alexandre_____

Examinadora – UFMT/CUR

Aprovado em: 14/09/2018

DEDICATÓRIA

Com ternura e amor dedico esse trabalho aos meus filhos Evellyn Ihasmim e Luís Henrique e, em especial a você Uéris Luis (*in memoriam*), filho amado que motivou a realização deste trabalho. A você meu filho que amarei infinitamente. Ao escrever meu coração enche de angustias e emoções e sei que onde quer que esteja sempre estará comigo.

Dedico este trabalho a você, mesmo sentindo tamanha tristeza, dor, raiva e revolta com o mundo. A você Uéris Luís Oliveira da Silva que não está aqui comigo fisicamente, mas sei que estaremos comemorando juntos este momento! Ao escrever me deparo com choros e medo de não fazer justiça as suas lembranças.



Fonte: Foto de Uéris Luís Oliveira da Silva, do arquivo pessoal de Edna de Oliveira. Rondonópolis MT, 2017

AGRADECIMENTOS

Como agradecer a todos que confiaram em mim sem esquecer de nenhum? São muitos aqueles que realmente me estenderam a mão e disseram que eu iria conseguir. Tenho medo, muito medo de não conseguir atender os anseios de todos, mas este é um risco que preciso correr. Enfim agradeço primeiramente a Deus por me botar de pé quando eu estava ao chão, pois a fé que me faz forte.

Deixo o meu sincero agradecimento à senhora minha orientadora Profa. Dra. Priscila de Oliveira Xavier Scudder, que me incentivou a não sair do percurso dos meus ideais e de minha cultura, aos nossos diálogos de consolo e risos. Admiro sua postura e dedicação. Nos momentos mais tensos da minha vida a senhora estava por perto me cuidando, dando paz a este coração fragmentado. Obrigada, muito obrigada não é por ser minha orientadora, mas também me atrevo a dizer minha vidente/amiga que em choros escrevo estas palavras para te dizer que meu afeto e minha gratidão por você é infinita, pois me lembro de cada momento em que estava por perto no dia 18/01/2016. A senhora obrigada, pois no primeiro momento que a vi percebi que a ti eu entregaria meu eterno carinho.

Aos meus filhos; Evelllyn Ihasmim, Luis Henrique e Uéris Luis este não se faz presente aqui conosco, mas acredito que em algum lugar ele estará me cuidando e me dando paz e consolo a este coração cansado. Agradeço a vocês meus filhos amados. Amo muitos vocês.

A meus pais; José Roberto de Oliveira e Elvira Francisca de Oliveira, o meu agradecimento eterno, aqui não me atrevo a mencionar e nem tampouco escrever a palavra “vocês”, pois minha cultura e respeito não permitem, aos *senhores* obrigada por tudo.

Ao meu esposo que me fez sentir especial e amada durante estes quatro anos de curso. Agradeço a Luís Oliveira da Silva por me incentivar em momentos de desistências e desespero, de tristeza e lamentações seguimos juntos nesta estrada que para nós teve muitos obstáculos, espinhos e perdas, mas não desistimos e continuamos, você que em muitas das vezes me inspirou com suas palavras de amor. Obrigada por muitos momentos de alegrias.

Agradeço aos meus irmãos que são muitos, mas que me deram muitas alegrias e força nesta estrada. A vocês José Carlos, Noemis, Enoc Feliciano, Édson, Elias, Elisvaldo, Edileusa, Noelma e Josélio. E junto a eles agradeço aos meus sobrinhos que também são muitos, mas em especial a: Thaylla Beatriz, Grazielly Oliveira, Kemelly Maiume e Maria Eduarda tenho um carinho imenso por vocês.

Edileusa e Noelma, além de serem minhas irmãs são também amigas, companheiras de estrada, amadas e especiais. Elas têm um cuidado comigo que transpira proteção. A vocês meus sinceros agradecimentos, pois são segundas mães para meus filhos.

As minhas companheiras de sala de aula agradeço pelos tantos risos e alfinetadas entre um discurso e outro, durante esses quatro anos de curso de estudo. A vocês Giovanna, Ana Amélia, Patrícia Melo, Stefani Pinheiro, Wanessa Santos e Lara Patrícia, em especial as amigas Ivaneti Rodrigues e Rosana Cruz obrigada por sempre estar comigo nos momentos felizes e tristes de minha vida.

Professora Sandra Regina, agradeço por me dizer que somos seres de linguagem e cultura diferentes e que herdamos o nosso modo de falar conforme nossa cultura, mas que podemos sim aprimorar. Essas palavras se tornaram meu porto seguro, pois por muito tempo tive medo da fala coloquial do falar incorretamente segundo as normas cultas. Já fui criticada várias vezes por não seguir as normas acadêmicas e científicas no falar. Mas hoje sinto-me segura, pois minha cultura letrada me tornou diferente dos demais.

Professor Ademar de Lima Carvalho foi sua atitude que me fez crescer profissionalmente, a indicação de leituras de filósofos importantes marcou meus estudos. Confesso que essas leituras fizeram crescer meu gosto pelos livros. A PF também me fez refletir onde eu realmente queria estar depois desses quatro anos.

A professora Rosana Martins, por seus cuidados com suas alunas dentro e fora da sala de aula. O respeito e amizade marcam a profissional que você é.

Professora Camila Galindo, sua participação foi imprescindível em meus estudos, te agradeço pelo seu profissionalismo.

Silvia Pilegi te agradeço por muitas atitudes boas que passou para mim e umas delas é sua atitude de ser humano. Seu carinho me fez refletir que devemos ser cada vez melhores, como pessoas e profissionais, obrigada. Antes de ser professor e professora somos humanos e humanas.

Agradeço também a você Poliana amiga de estudo, por ter me ajudado na aquisição de leituras complementares aos estudos.

Enfim, carinhosamente agradeço ao conjunto de professores que marcaram minha vida enriquecendo o meu conhecimento e aprimorando o meu ensino – aprendizado, a vocês meus agradecimentos.

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Michel Foucault

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Forças de segurança atacam a criminalidade: Operação Bairro Seguro em Rondonópolis visa principalmente os locais de maior incidência da criminalidade.

FIGURA 2. Polícia investiga se matança tem ligação com fuga na Mata Grande: Numa noite de horror, foram quatro homicídios e seis tentativas, todas elas em vias públicas e em locais diferentes da cidade.

FIGURA 3. Polícia registra dois homicídios em menos de 24h. Homem de 22 anos foi morto com seis tiros no Jardim Progresso.

FIGURA 4. Crime aconteceu em plena luz do dia. Nakson Caetano [no detalhe] foi perseguido e baleado.

FIGURA 5. Fim de semana termina com três homicídios na cidade. Dois jovens foram baleados no Residencial Francisca Garcete e morreram.

FIGURA 6. Adolescente de 17 anos morre após ser baleado em residência no João Moraes

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A MÍDIA E A CRIMINALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI.....	22
3. O EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA EM RONDONÓPLOIS/MT.....	35
4. OS CORPOS DOS ADOLESCENTES MORTOS.....	42
4.1 O vazamento da notícia e o desespero da família.....	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
ANEXOS.....	48
REFERÊNCIAS.....	56

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade refletir sobre a questão da violência praticada e sofrida por adolescentes no município de Rondonópolis estado de Mato Grosso. Seja em documentos como o Mapa da Violência 2016, seja nas notícias da mídia local, os adolescentes negros dos bairros de periferia figuram como as principais vítimas de homicídios, o que demonstra a existência de práticas de extermínio deste grupo social. A mídia local, a exemplo da nacional, divulga notícias e imagens desses adolescentes mortos e, além de lucrar com esta barbárie, transforma estes adolescentes em inimigos naturais da sociedade. Este trabalho busca evidenciar o racismo e os preconceitos de que os adolescentes negros e de periferia são alvos e o modo como a sociedade local os reduz a identidade de criminosos.

Palavras-chave: Adolescentes Negros. Violência. Mídia. Sociedade.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the issue of violence practiced and suffered by adolescents in the municipality of Rondonópolis state in Mato Grosso. Whether in documents such as the Map of Violence 2016, or in local media news, black adolescents from suburban neighborhoods are the main victims of homicide, which demonstrates the extermination practices of this social group. Local media, like the national media, disseminate news and images of these dead adolescents and, in addition to profiting from this barbarism, make these adolescents natural enemies of society. This paper seeks to highlight the racism and prejudices that black and peripheral adolescents are targeting and how local society reduces them to the identity of criminals.

Key-words: Black adolescents. Violence. Media. Society.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os motivos que levam os adolescentes a prática de ato infracional e seus enfrentamentos com a sociedade e o sistema judiciário. Propõe-se também a problematizar a eficácia das medidas socioeducativas e a maneira como a mídia tem se beneficiado da desgraça alheia.

Buscamos salientar os fatores que contribuem para que os adolescentes se envolvam com a criminalidade, verificando possíveis alternativas para a realidade em que vivem nas periferias e possibilidades de compreensão dos problemas enfrentados pelos mesmos. A partir do conhecimento do contexto social onde articulam suas vidas, questionamos se, de fato, a legislação e as medidas de internação no socioeducativo são suficientes para por em andamento um processo de acolhimento dos adolescentes em conflito com a lei, uma vez que, se a sociedade em que somos inseridas participasse do contexto social de vida desses adolescentes não haveria tanta matança de jovens e adolescentes negros e negras.

As reflexões propostas por nossa tese, buscam experimentar o pensamento sobre afirmações que circulam como verdades, tanto entre a população, como em programas policiais sensacionalistas, frases como menor não responde por suas ações, menor não leva a sério a escola, a família e a sociedade, não sentem interesse pela vida, entre outras, pois compreendemos que não se trata de falta de interesse pela vida, mas de pessoas desamparadas, com suas existências ameaçadas pela ausência de redes e políticas públicas de proteção por parte do Estado e de suas instituições.

É comum termos notícia de que quando adolescentes infratores tentam deixar a criminalidade, têm medo ou receio de retomar a sua vida cotidiana em família, algumas vezes por conta de rixas com outras gangs, e outras por medo da violência do mundo no qual todos estamos inseridos.

Partindo da história oral, da história do cotidiano e da autobiografia, recorreremos a situações existentes e enfrentadas na família, no convívio social por adolescentes infratores, para buscar acontecimentos que permitam conhecer suas trajetórias e perceber como se tornaram quem são.

A aproximação de suas histórias de vida permitirá pensar os discursos que os classificam como usuários de drogas, as violências que cometeram e aquelas de que são vítimas e as punições a que os dispositivos de poder os submetem. Por outro lado, algumas perguntas também exigem reflexão, são elas: quais são as alternativas apresentadas para esses adolescentes? Essas alternativas possuem caráter político-pedagógico, emancipam para a

liberdade, estão baseadas em princípios de fraternidade? Ou, as dificuldades econômicas, a ausência de espaços artístico-culturais, de lazer e formação humana, a falta de uma perspectiva de vida potente, os enfrentamentos diários que os adolescentes encontram em seu meio social acabam mostrando-lhe que a prática de ato infracional como único destino? Estas são interrogações que desejamos pensar.

É um trabalho histórico e crítico, pois visita os arquivos de jornais e meticulosamente busca notícias do racismo que exterminam a juventude negra e de periferia, onde as matanças são de certa maneira corriqueiras, também se detém em identificar as forças presentes nos discursos midiáticos e na imagem que este veículo seleciona e exhibe. É também um trabalho autobiográfico que tem a dor por motivação. Entendemos que:

a pesquisa autobiográfica a metodologia com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois "põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos". (MOITA, 1995, p. 113)

Neste trabalho não é possível, e nem desejamos dissociar a experiência do vivido e do escrito, pelo contrário. Ambos são fontes e testemunhos oculares das formas como o racismo se manifesta nas maneiras de viver na periferia, na ausência de políticas públicas e práticas de proteção e pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens negros. A fim de legitimar, academicamente, esta vivência, recorreremos à autobiografia, por considerar que:

A pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta, é o componente essencial na característica do (a) narrado r (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo. (ABRAHÃO, 2003, p. 1).

Esta monografia é também autobiográfica, porque o motivo primeiro para desenvolver esta pesquisa surgiu de meus próprios conflitos. Ela é toda marcada pela a dor, a dor da morte de um filho, a você Uéris Luís criança minha. Se escrevo é porque, em geral, quem fala dos adolescentes em conflito com a lei são representantes do saber-poder jurídico, da academia, da psicologia e do serviço social, da mídia, enquanto que a família queda silenciosa e silenciada, por isso minha experiência pode ser pensada como a de muitas mulheres negras e pobres, como a oportunidade de ter nosso lugar de fala respeitado.

Durante muito tempo tive preconceitos em relação aos adolescentes infratores, meninos e meninas em conflito com a lei. Este reconhecimento foi o primeiro passo para observar o funcionamento do Estado e perceber que este, contando com o apoio da sociedade, tem descartado através da ausência de investimentos na formação e desenvolvimento de redes e políticas públicas de proteção à vida plena de adolescentes negros, pobres e de periferia, e tornado o encarceramento, a privação de liberdade, e mesmo o extermínio como único tratamento diante do cometimento de atos infracionais. Nesta lógica, o Estado tem reforçado “o velho esquema simples do encarceramento e do fechamento – do muro espesso, da porta sólida que impedem de entrar ou de sair – começa a ser substituído pelo cálculo das aberturas, dos cheios e dos vazios, das passagens e das transparências” (FOUCAULT, 2012, p. 166).

De fato, os adolescentes sabem que o muro é sólido, consistente, e não localizam a porta aberta para sair, pois ao entrar na porta já se encontra grifada e a sentença morta não fala. De todo modo, os adolescentes parecem perceber a falência das instituições estatais, estão cansados e descrentes dos discursos polidos e vazios sobre direitos humanos, estão inquietos, sem saber como articular mecanismos próprios de defesa, pois percebem que nem a família, nem a escola, nem as igrejas, ou qualquer instituição do sistema-mundo capitalista cumpre a tarefa de garantir-lhes o direito à vida.

Diante do fato de ter perdido um filho de modo violento, penso ser importante, deixar meu desabafo, que é bem mais do que simples palavras malditas, é testemunho histórico, experiências as quais vivi em um espaço da cidade abandonado pelo poder público. Também relatos que escutei de outras mães que conheci que se fazem presente toda hora, minutos e segundos. Registros nascidos do sofrimento advindo de um processo de luta dolorosa, de idas e vindas à procura de auxílio em instituições como, escolas, conselho tutelar e em delegacias. Instituições nomeadas como acolhedoras no processo de reabilitação, mas que não cumprem este papel, a ponto de autoridades competentes, nomeadas para mediar estas situações negarem apoio e providências. Submissa, perante esta vivência, relato minha indignação e revolta.

Embora existam inúmeras leis, em minhas experiências nenhuma das leis às quais me socorri, conseguiram oferecer proteção dos adolescentes em conflito com a lei. Não conseguiram ser realmente efetivas e nem ser levadas a conhecimento público. Perdi um pedaço de mim, da minha vida, a razão de minha escrita. Nesta ocasião escrevo, para relatar um pouco do que sofri, as angústias e a repulsa que me perpassa.

O filósofo Michel Foucault, quando analisa a passagem do suplício para a prisão, sugere que:

“[...] em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo suplicado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal”. (FOUCAULT, Michel 2012, p.13).

Mas Foucault também alerta que o espetáculo público dos suplícios continuou existindo no interior das prisões, mas integrando agora uma economia, pois além de punir tratava-se de extrair lucro dos corpos dos condenados.

Tendo Foucault como ponto de partida, desta minha incursão percebo que a negligência a mim dirigida, a saga em busca de respostas não encontradas, a vida envolta na lembrança de um rosto, me pôs de frente com um corpo que já tinha sido condenado. Perdi meu filho, um pedaço de mim. Decorridos oito meses de sua morte, não houve resposta sobre quem o assassinou, nenhuma palavra foi dita. Ele é só mais um adolescente negro fora das ruas, sem despesas para o poder público? De certa maneira eu penso assim.

A escolha do tema desta tese foi para mim uma escrita dolorosa, de rancor, mas ao mesmo tempo percebo que outras mães assim como eu vão ler e associar o abandono que sofremos pelo o poder público e o desamparo da lei. Busco discutir os abusos e violências sofridos por jovens e adolescentes pobres negros e negras de periferia ao reivindicar seus direitos perante a lei.

Com esta escrita tento chamar a atenção primeiramente para o racismo sofrido pelos adolescentes negros de periferia, que se manifesta na ausência de políticas públicas que priorizem a oferta de educação de qualidade, de lazer, de acesso a espaços culturais, a segurança alimentar, que se manifesta também no olhar panóptico do poder do Estado e na força violenta de seu braço armado, a polícia. Chamo atenção ainda para a importância da luta de mães e pais pelo direito à vida e à proteção de seus filhos. O objetivo é contribuir para que a sociedade se interesse por refletir sobre as condições de vida dos adolescentes negros, pobres e de periferia, pois ao ignorar, invisibilizar e excluir, os ditos violentos e viciados participa de seu extermínio.

A mera punição, a privação de liberdade, o estabelecimento de estigmas, não contribui para a criação de alternativas de vida, para o estabelecimento de um projeto coletivo, envolvendo família, escola e a sociedade em geral, com vistas à humanização, a criação de leis que atentem para os mais pobres, para aqueles expostos à situações de vulnerabilidade e exclusão social.

É preciso que a sociedade perceba que o poder punitivo tem alvos preferenciais, que o poder punitivo é colonialista e racista. Ora, a mídia que utiliza, para fins de auferir lucros, as imagens dos corpos sem vida dos adolescentes em conflito com a lei, o faz a partir de critérios

racistas. Os corpos expostos têm sempre a mesma cor. Isto favorece a consolidação de uma mentalidade colonial escravocrata, que insiste apenas em punir os pobres, ou é possível esconder o fato de que adolescentes brancos, ricos não são punidos pelo judiciário, nem expostos na mídia? Assim agindo, a linguagem midiática é a primeira a participar da condenação, interiorização e criminalização da cultura de periferia, rotulando os adolescentes pobres, mesmo os que não se encontram em conflito com a lei, como perigosos, suspeitos, sujeitos sem o que fazer, a taxam o vestiário ou a estética como de marginais. De certa maneira foi isso que sofri e aprendi durante minhas aflições e tentativas de ajudar meu filho. Vi que a sociedade, amigos e vizinhos se afastaram de mim.

Um exemplo deste afastamento, e do descaso para com a vida dos adolescentes em conflito com a lei, é possível encontrar no modo como as instituições públicas tratam as famílias dos adolescentes em conflito com a lei. Em minha experiência, quando procurei o poder público na tentativa de encontrar respostas sobre a situação de meu filho, elas foram sempre às mesmas: Se ele está envolvido com as drogas não tem mais jeito. Isso é necessário?

Os abusos da mídia são constados cotidianamente ao folhear os jornais ou ligar a televisão. Ao prender um adolescente, jovem ou adulto, homem ou mulher, pobre e negro ou negra os próprios órgãos oficiais, como as delegacias, abrem as portas para as câmeras. Segundos após a detenção, seus corpos são exibidos e apresentados como infames, e o discurso moralista acompanham as imagens participando da condenação.

Definimos a pesquisa como bibliográfica e documental, mas também como genealógica. De acordo com Foucault, “a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição, que emergem desta discursividade”. (FOUCAULT, 1979, p. 172). Foucault prossegue afirmando que o projeto geral da genealogia, busca em pesquisa, uma apólice de conhecimentos na hierarquia própria de poder, os discursos teóricos unitários formados pelas relações de forças fragmentadas pela genealogia demonstra o enigma em que está posta, evidenciando assim as consequências de domínio. Foucault salienta a inseparabilidade “do poder e do saber no discurso científico” (FOUCAULT, 1979, p. 174). Sendo aqui colocado o discurso e o poder punitivo e racista.

Para Moruzzi e Abramowicz (2010 – 2011), a genealogia como base teórica metodológica é sustentada como elemento que questiona o conhecimento, as ciências e as veracidades, a genealogia questiona quem as produz e em que condições produz, fazendo surgir as relações de poder que as tornam praticáveis.

Neste sentido, Moruzzi e Abramowicz (2010 – 2011, p. 171), indicam

(...) que qualquer valor é engendrado por um tipo de vida, por isso (...), mas quem os inventou, que tipo de vida inventa tais valores e que tipo de vida reproduz certos valores. O valor em si não existe, o que existe são os valores engendrados, produzidos a partir de uma perspectiva. Dito de outra forma, não existe verdade, existem apropriações e significações sobre o que seja verdade a partir de certos modos de vida que se quer produzir e reproduzir. (...) A genealogia consiste, portanto, em traçar a gênese de certo valor, e isto, por sua vez, consistem em pensar quais forças estão agindo sobre certos valores.

Portanto, a genealogia visa investigar a produção de valores como verdade e o modo estes qualifica nossa forma de refletir e atuar no mundo. Não há uma verdade. Existem produções sobre a verdade, e apropriações das próprias. No que se refere à genealogia há ações em que se produz o discurso, onde perpassa os questionamentos que o sujeito se apropria.

Em segundo lugar, essas produções da verdade permanecem entrelaçadas nas correlações de força viventes em um povo e fazem um ou outro discurso ser julgado como verdadeiro. No terceiro, o olhar é sempre uma compreensão do discurso, e no quarto, os fatos da verdade são estabelecidos nos exercícios sociais. Portanto, isso significa se opor a ideia de que haja uma essência, ou uma origem da verdade.

Por essas razões, pressupõe-se que o indivíduo produz sua existência e suas apropriações de resistência e poder. “O poder é, efetivamente, algo que se exerce, uma série de práticas e estratégias, ligadas a interesses políticos ocultos, cujo objetivo é dominar” (MORAIS, s/r). Diante disso, a sociedade julgadora estabelece suas verdades, ditas sensatas de uma visão discriminadora, acorrentada nas práticas sociais e nas hierarquias.

Moruzzi e Abramowicz (2010 - 2011) apontam que a genealogia abrange o “questionamento” ressalta os discursos ofertados nas sociedades delimitam assim um “saber”, ser melhor ou maior que o outro, visto que, o poder é centralizado em uma determinada dimensão hierárquica.

Neste aspecto, a genealogia, permite compreender as relações desiguais em uma determinada sociedade; o porquê de uma classe singular ter acesso a singularizado saberes. Mantendo condições, e relações de um pensamento criado na natureza humana, ou seja, os saberes, os discursos, o poder nada mais são que a relação de conjuntura da nossa espécie.

Segundo as autoras Moruzzi e Abramowicz, (2010 – 2011, p. 178 a 179).

Compreende-se aqui que o sujeito é constituído pelas práticas, onde se estabelecem inúmeras relações de poder, de saber e que são proferidas, também pelas e nas práticas discursivas. Investigá-la na perspectiva genealógica é, portanto, uma forma de entender os discursos que são considerados, bem como, entender porque são assim considerados. Trata-se de uma investigação que mapeia os discursos, situa-os e, ao mesmo tempo, analisa as relações de poder em determinada sociedade que faz com que certos discursos prevaleçam e outros sejam apaziguados. Entende-se nesse sentido

que toda sociedade engendra as práticas discursivas que lhes convém, de tal forma a organizar, selecionar, controlar e distribuir os discursos nelas proferidos, de acordo com os interesses emergentes do momento.

Entende-se que as práticas discursivas em relação ao poder são controladas e encaixadas nos grupos e estabelecem a construção de um discurso de dominação, sendo assim, Foucault entende que o poder está sempre nas relações de produção e reprodução da dominação de classe. Diante disso, podemos dizer que o poder é egoísta, depositado de maneira irregular centralizado no Poder Político e Econômico, ou seja, nas relações economicamente ativas. Foucault descreve “que o poder é um mecanismo repressivo” (1979, p. 176). Percebe-se o poder como um mecanismo que reprime a atitude do indivíduo, o poder é um mecanismo da prática de si para o outro.

O poder é algo que se partilha e que se atém como ato permanente por alguém ou por um grupo social, porém deve ser analisado como algo recorrente, que flui nunca localizado em um único alvo, tal como um bem ou riqueza. O poder é uma prática que é executada no contexto das relações, circulando pelos e nos sujeitos.

Morais (2014) adverte que, no método genealógico todo ser humano se habilita de poder, que é perpassado por ele. Compreender as relações de poder que atravessam as metodologias e teorias, entre elas a genealogia, incide em avaliar os acontecimentos, práticas e mecanismos que surgem e são idealizados na sociedade, desde o conhecimento em uma determinada área até o preceito político, de maneira a estabelecer uma ocasião apropriada e as ações que tornaram praticáveis o surgimento dessas máquinas de dominação.

O autor ainda pondera que:

a genealogia opera de modo a desconstruir a noção de “evolução”, mantendo o que se passou na dispersão que lhe é própria, demarcando os acidentes, desvios, inversões, erros, falhas, maus cálculos, tudo o que deu ao que é caro ao ser humano atual, mas que ele desconsidera em vista da continuidade que lhe é imposta pelos valores transcendentais. Assim, a realidade, com todas as suas relações de poder, ilusões, a fina casca que se solidificou após a formação de determinados saberes, é muito mais que um universo de constâncias de absolutos. (MORAIS, 2014, p.155).

A genealogia não tem também um único ponto de origem. “A genealogia é uma pesquisa dos fatos da vida e da história tidos normalmente como “menores”. Das micropolíticas e dos micropoderes” (AZAMBUJA, 2013, p.128).

2. A MÍDIA, E A CRIMINALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

Ao pensar em adolescentes e jovens, é possível imaginar, que se trata de pessoas ainda sem vínculos empregatícios, sem as preocupações cotidianas com os custos e gastos que a vida demanda, mas esta não é a realidade da maioria dos jovens brasileiros.

Nas periferias do País crianças, adolescentes e jovens, disputam juntamente com adultos meios de garantir sua sobrevivência, de ocupar um lugar no mercado de trabalho, mas a pouca escolarização, a má alimentação, as violências sofridas os jogam, na maioria das vezes, para o mercado informal, para atividades subalternas e mal remuneradas, e em não raras ocasiões, para a criminalidade, em especial às ligadas ao tráfico de drogas.

Temos observado que nas escolas os adolescentes são rotulados como indisciplinados, como aqueles que se rebelam por falta de educação, e por esta razão não possuem bom comportamento e desrespeitam a autoridade. Qualquer atitude que estes adolescentes venham a ter passa a ser visto como um ato violento, indisciplinado, pois o esperado pela a sociedade é a conservação do silêncio. A este respeito Acácio, sugere que:

(...) Mais do que as condições de miséria e a falta de direitos, alegadas hoje em dia como as carências primordiais de crianças e jovens pobres envolvidos em situações de violência, a sociedade autoritária, fundada na cultura do castigo como extração de obediência (ACÁCIO, 2013, p. 41).

Para o autor, os adolescentes, precisam ser motivados a buscarem, “sua liberdade de viver” (ACÁCIO, 2013, p. 36) e ao mesmo tempo transporem a fronteira que os impede de alcançar seus objetivos, lutar de maneira justa e coerente a transpor seus ideais, sua liberdade.

Além das dificuldades impostas pela sociedade ao rotularem esses adolescentes, há também os problemas característicos do contexto familiar e socioeconômico, além disto, conforme diz (SCUDDER, 2017) é preciso considerar “(...) a ausência de uma política de inclusão social (...) o descaso do Estado e da instituição, o desdenhamento da vida do outro, do esquecimento, do abandono e do apodrecimento em que esses adolescentes se encontram”. Os adolescentes não atinam com a realidade de serem excluídos, rejeitados pelas as políticas sociais, de viverem em abandono, isto tudo constitui a negação da geração contemporânea do jovem marginalizado ou em conflito com a lei.

Existe aqui uma sociedade julgadora, que para a glorificação e o benefício própria, pune, violentando os adolescentes, e expondo-os praticamente a uma sentença de morte, ao exílio social, ao extermínio de sua existência. Foucault sugere que, “a execução pública é vista como

uma fornalha em que se acende a violência” (FOCAULT, 2012, p.14). Dialogando com o filósofo é possível concluir que o discurso da mídia se dá sobre os adolescentes e jovens negros e de periferia a condenação, a execução sumária, que pode ser vista nos jornais sensacionalistas, em programas policiais, em mensagens de *fake news*, nas redes sociais, como apenas um mero acontecimento cotidiano.

Entretanto, em uma sociedade julgadora, em razoável medida, manipulada pelo poder midiático, os jovens são ainda mais estigmatizados com os discursos violentos. Em contrapartida, a mídia como uma fonte de poder inesgotável, não cessa em relatar falsos episódios reduzindo a imagem dos adolescentes e jovens negros e de periferia a de marginais e criminosos. A sociedade e a mídia sustenta este poder fazendo-o ressoar. Através das redes sociais e outras, nos quais provocam a repercussão do discurso midiático e da exposição do corpo dos adolescentes mortos.

Diante disso, nos interrogamos sobre a responsabilidade da Mídia em não mapear a realidade em que se encontram adolescentes negros e pobres de Rondonópolis, reduzindo-se a exibirem seus corpos mortos com o intuito de lucrar com a tragédia em que estão mergulhadas as integras. Mas nos perguntamos ainda sobre a produção da notícia pelos jornais, televisões e as mensagens de watts zap continuamente as imagens dos adolescentes e jovens pobres, negros e de periferia vinculadas à criminalidade vão a público, enquanto que os filhos da classe média e da oligarquia rural e empresarial local não recebem qualquer menção.

Outro fator que causa estranheza é a violência policial contra esses jovens que é também uma chocante realidade com a qual convivem. As abordagens da força policial destina a repressão aos adolescentes. Parados pelas viaturas ao circularem pela cidade, são expostos ao serem parados como bandidos. Na imagem abaixo é possível confirmar nossa afirmação.

FIGURA 1. Forças de segurança “atacam” a criminalidade: Operação Bairro Seguro em Rondonópolis visa principalmente os locais de maior incidência da criminalidade.



Fonte: MARTINS, (2017).

Disponível em: https://issuu.com/teste_tribunam/docs/edicao_-_251117

Acessado em: 10/12/2017.

O tratamento de adolescentes em conflito com a lei se baseia tão somente na ação disciplinadora. A lei garante ao Estado o direito de aplicação das punições para os condenados. Punições em cima de punições este é o real maquinário do cerceamento ao qual a prisão está associada.

Percebem-se os maus tratos contra os sujeitos, através da reprovação de suas vestes, de seu modo de andar, na diferença da ação policial nos bairros nobres e nas comunidades pobres, no modo criminoso como os jovens negros que vivem na periferia são abordados, na opressão visivelmente imposta às comunidades pobres. Muitos são executados sem terem cometido crime, mas apenas por ser oriundo de um lugar da cidade.

(...) é a própria condenação que marcará o delinquente com sinal negativo e unívoco: publicidade, portanto, dos debates e da sentença: quanto à execução, ela é como uma vergonha suplementar que a justiça tem vergonha de impor ao condenado; ela guarda distância, tendendo sempre a confiá-la a outros e sob a marca do sigilo. É indecoroso ser passível de punição, mais pouco glorioso punir. Daí esse duplo sistema de proteção que a justiça estabeleceu entre ela o castigo que ela impõe (FOUCAULT, 2012, p. 15).

As manchetes que escancaram os corpos negros mortos funcionam como sentenças, impondo o estigma de marginalizados, a publicização negativa carregada pelo povo negro sustenta as injustiças e prossegue massacrando levando à morte, embora sem esta tipificação no ordenamento jurídico brasileiro e sem condenação em um processo legal, a justiça estabeleceu a privação da liberdade, a vida entre muros como castigo, por outro lado, a sociedade estabeleceu rejeição. Mas além do muro o que tem sido realmente oferecido a esses

jovens? Que políticas públicas têm sido implantadas para assegurar-lhes o direito à vida? Quais são seus enfrentamentos no dia a dia? O que se tem constatado é que dentro dos muros os adolescentes são prisioneiros do Estado, são desumanizados e desrespeitados nos labirintos das prisões.

Sentar – se no canto da cela, tudo olhar sem nada ver, perscrutar os labirintos de si mesmo, e ali, onde se está mais sozinho ainda, ensimesmar – se e perder – se sem mapas, bússolas ou guias que apontem o rumo a seguir. (SCUDDER, 2007, p. 48).

Nas celas esses adolescentes se alimentam de suas recordações, lembranças do mundo lá fora, distante talvez, mas mesmo assim sonham com momentos de liberdade, embora a liberdade não seja garantia de nada, pois sua vida está condenada. Fora do muro seu cotidiano não será o mesmo! Registros trazidos do passado fazem com que se martirizem e neste movimento as duas faces da execução se combinam, ou seja, de um lado a prisão pune, desumaniza, massacra exerce a humilhação, de outro lado à sociedade em geral os condena julga o sujeito sem direitos.

Histórias fora e dentro da prisão, vidas e sofrimentos, resistências e angustias, as vidas dos adolescentes em conflito com a lei são destrinchadas e reduzidas à criminalidade, TVs, rádios, jornais depositam manchetes com discursos violentos, dando a entender a inutilidade de quem já foi recolhido. Quanto ao confinamento, é possível afirmar que as pequenas e estreitas celas guardam semelhanças com os becos das cidades, Pois em uma como em outra reina um enigma.

A não perspectiva de ingresso no mercado de trabalho, a quase certeza do retorno a prisão, o sentimento de descaso e de desgoverno por parte do Estado, que tem como representantes próximos a Secretaria de Justiça Pública e a Superintendência do Centro Sócio – Educativo exacerbam a revolta e a conclusão de que não há vida fora do crime. Assim, a arte, que deveria ir contra a docilização do interno, estimulando a rebeldia, a inventividade e a reflexão torna – se juntos a tantos outros dispositivos, uma estratégia de submissão (SCUDDER, 2011, p. 71)

O que as ruas dos bairros de periferia e a prisão parecem garantir a adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade e risco social e em conflito com a lei, é que (...) Não há vida fora do crime (...) deste modo, a vida fora das grades condena este grupo, tornando-o sujeito, propício ao retorno à criminalidade. Condenando-os à morte, e alimentado à ilusão sobre a eficácia das Políticas Públicas estatais.

Como poderão esses jovens serem vistos como sujeito de direitos sendo alvejados e massacrados como delinquentes? Convivendo com uma nova morte, uma nova aniquilação diariamente? Tendo consciência de que pouco é feito para eliminar essas matanças?

Figura 2. Polícia investiga se matança tem ligação com fuga na Mata Grande: Numa noite de horror, foram quatro homicídios e seis tentativas, todas elas em vias públicas e em locais diferentes da cidade.



Fonte: CACHEFFO, (2011).

Disponível em: https://issuu.com/teste_tribunam/ docs/edi_c3_a7_c3_a3o_20-20141117

Acessado em: 10/12/2017.

A matéria acima informa que em Rondonópolis, no dia 13 de novembro de 2017, ocorreram quatro assassinatos e seis tentativas de homicídio. As vítimas foram Cristiano Vinicius de Souza de 18 anos, Marcelo Henrique Feitosa da Silva, 18 anos, Creomar Brito de Jesus Manuela, 16 anos e Adventor Souza Melo Santos, 14 anos. Crianças! Crianças, agonizando ao chão, sangue derramado vida que se vai, vida perdida. A família chora a dor de quem se foi.

Surpreende a maneira como a notícia é trazida o público. As imagens denunciam a violência e o descaso com que esses jovens são tratados pela mídia, que os apresenta em manchetes como animais expostos a visualizações como em leiloe, só que os lances são dados por quem visualiza ou comenta o assunto e se compraz com as mortes em destaque. Os comentários se reduzem à frases feitas como: Quem matou? Bem feito; eram marginais; menos mau! Menos um para a sociedade. Este mereceu morrer! Palavras duras as quais famílias dos adolescentes em conflito com a lei são submetidas corriqueiramente.

Observa-se que os quatro assassinatos e os seis atentados citados acima foram praticados em via pública, e que as vítimas eram jovens entre 14 e 18 anos. O modo como os fatos e as imagens é apresentado e exploradas pela mídia ofende e faz sofrer as famílias e amigos de quem tem seus entes queridos expostos nas calçadas de velas, um sofrimento sem igual, uma violência simbólica e emocional. O corpo de quem morreu alimenta as manchetes e expõe as famílias a comentários degradantes.

Para Foucault (2012, p. 21):

O corpo e o sangue, velhos partidários do fausto punitivo, são substituídos. Novo personagem entra em cena, mascarado. Terminada uma tragédia, começa a comédia, com sombrinhas silhuetas, vozes sem rosto, entidades impalpáveis. O aparato da justiça punitiva tem que se ater, agora, a esta nova realidade, realidade incorpórea.

Padece o corpo de um dos seus, as cenas divulgadas das tragédias cometidas, o sangue é derramado de alguns inocentes punidos por sua identidade étnica e classe social aponta para um massacre, ou como diria Abdias do Nascimento (1978), para o genocídio do negro brasileiro. O corpo e o sangue derramado em uma cena e outra, divulgado através de redes sociais como *facebook* e *watts zap*, transforma-se como Foucault sugere acima, como elemento de diversão, de uma comédia que teve seu desfecho realizado por disparos de arma de fogo. A tragédia surge em meio à ausência do estado que se arvora detentora do poder soberano de determinar quem deve morrer e quem deve viver.

Poder que sentencia ainda, que as histórias dos jovens negros de periferia mortos de forma violenta devem ser narradas tendo como ponto de partida e como identidade primeira a pecha de marginais. Se receberem algum reconhecimento de sua humanidade, este fica reduzido ao vocabulário de outros jovens refugados, que pressentem que o mesmo destino lhes aguarda e que não abrem mão de proferir suas últimas palavras: “adeus mano, meu truta” “vá com Deus” enquanto ao poder do estado e a classe dominante, vociferam rancorosamente: “miserável, já foi tarde”.

Figura 3. Polícia registra dois homicídios em menos de 24h. Homem de 22 anos foi morto com seis tiros no Jardim Progresso.



Fonte: CACHEFFO, (2017). Disponível em: <http://www.tribunamt.com.br/2017/05/policia-registra-dois-homicidios-em-menos-de-24h-3/>. Acesso em: 10/12/2017.

O Mapa da Violência de 2016, já registrou Rondonópolis como uma cidade violenta, mas quem vive nos bairros periféricos da cidade, constata este registro cotidianamente. Em matéria veiculada no dia 04 de maio de 2017 o jornal A Tribuna informou a ocorrência de dois homicídios em menos de 24 horas, sendo que a primeira vítima, assassinado a tiros, foi identificada como Sidnei Pereira Gonçalves de 23 anos de idade. Já a segunda vítima, Mayckon Douglas Conceição da Silva de 22 anos de idade, foi localizado morto em frente a uma casa em construção Mayckon foi alvejado por seis disparos de arma de fogo, conforme o laudo da Perícia Oficial e Identificação Técnica.

As notícias sobre crimes ocorridos em Rondonópolis têm feito com que a população perceba que a cidade vem se tornando cenário constante de crimes, mas o que nos provoca interrogações é o discurso estigmatizador da notícia que a mídia reproduz através da *fake news* que criminaliza a pobreza, ao eleger os bairros de periferia como espaço singular de produção da barbárie.

Obviamente as imagens dos corpos de jovens negros de periferia mortos, exaustivamente, corroboram para o que Castro- Gomez nomeia de colonização do imaginário (2007), posto que reforça a dicotomia entre bem e mal, já que faz parecer que os homicídios que ocorrem nos bairros pobres, não são encontrados nos bairros brancos e “nobres” da cidade. Percebe-se nesta prática a transmissão de uma herança colonial: o racismo.

Enfim, o poder da mídia, ou melhor, do discurso da mídia junto à sociedade, reside, entre outras coisas, no fato de que o mesmo se sustenta em uma hierarquia do poder. Queremos

com isso dizer que a colonialidade do poder, se verifica e afirma nas justificativas históricas e globais de aplicação de um poder punitivo sobre os corpos negros. É possível afirmar que nestes tempos ambivalentes e fluidos (BAUMAN, 1999), o discurso racista e violento tem se expandido e veiculado, de modo célere e perigoso, pelas redes sociais. A mídia que tem por prática suprir a sociedade com informações suspeitas factoides encontrou um objeto de ouro (ou nicho de mercado), nos cadáveres dos jovens negros e de periferia, seus discursos de ódio jogam sobre este um pano branco para indicar que veio a óbito e uma faixa gigantesca para indicar mantenha distância.

Temos visto e observado que a visão de tantos jovens pobres mortos, esquartejados no meio ao asfalto quente, sob sol causticante tem se naturalizado. Seus nomes aparecem junto ao nome dos bairros de onde são provenientes, das profissões de seus pais filho de pai pedreiro, mãe doméstica, assalariado. Estes predicados criam atalhos ao preconceito de classe. Não atoa que a filósofa Ângela Davis afirma a importância de primar pela interseccional idade, ou seja, classe, raça e gênero, são elementos indissociáveis.

Os crimes cometidos não incomodam os olhos de quem quer assistir as cenas tocantes do morto, na realidade, é repulsivo observar as imagens obscuras do bruto assassinato que exhibe com ironia a dor que certamente a família do ente querido morto irá sentir, o sofrimento da perda é doloroso, a exposição do cadáver é repugnante:

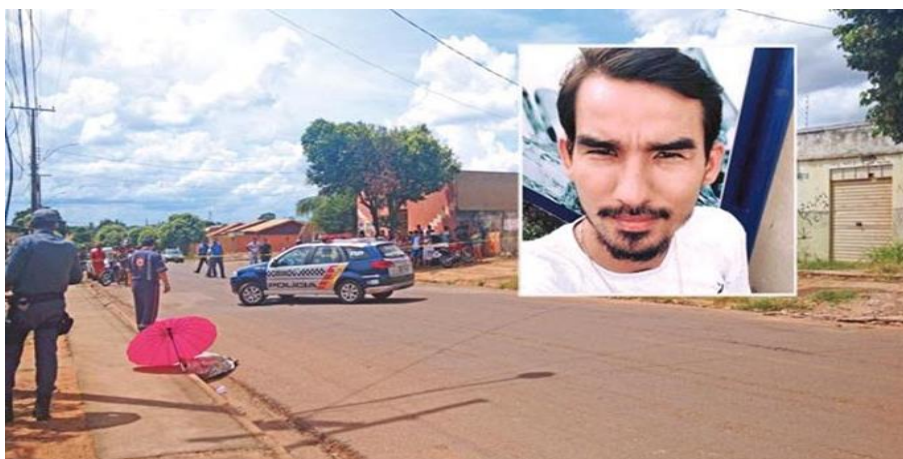
[...] Crime que atinge sentimentos e valores. As primeiras não reconhecem o direito das segundas ao sofrimento. Esse direito é vetado pela arrogância da polícia e da mídia, que expropriam a dor e a dissolvem no espetáculo que protagonizam, devolvendo – a, nos noticiários, sob a forma de entretenimento e desqualificação. Nada mais desumano do que a negação à sepultura, na medida em que implica a condenação ao esquecimento – esta espécie de morte dentro da morte, que lhe confere seu sentido mais devastador (SOARES; BILL, ATHAYDE, 2005, p. 89).

Ao expor um cadáver agonizando à beira da calçada, ao mostrá-lo como uma espécie de troféu, com a finalidade de garantir audiência, expectadores e um veio do mercado, tudo isso espetacularizando a dor, valendo-se de corpos humanos destrinchados nos noticiários do dia, apropriam-se do sofrimento alheio para favorecer seu show de delitos. Ao agir neste formato a mídia revela seu viés sectário arrogante e desumano.

A família deste cadáver padece de sofrimento. As imagens provocam dor. Dor da perda, dor da desumanidade, dor do egoísmo da fala maldita, dor da do direito que a sociedade e a mídia gozam da exposição da dor morto, dor frente à discriminação, dor da revolta dos direitos vedados, dor da sepultura, dor da injúria de ver seu ente querido nos noticiários que abastecem

um mercado marginal, mas havido e violento. O caso abaixo exhibe mais uma morte em um dos bairros de periferias.

Figura 4. Crime aconteceu em plena luz do dia. Nakson Caetano no detalhe foi perseguido, baleado e morto.



Fonte: CACHEFFO

(2017).Disponível em: <http://www.atribunamt.com.br/2017/04/jovem-e-perseguido-e-morto-a-tiros-no-meio-da-rua/>. Acesso em: 10/12/2017.

Nakson Caetano de 24 anos foi morto no dia 6 de abril de 2017, na cidade de Rondonópolis. O jovem, alvejado com cinco disparos, sendo quatro pelas costas, não resistiu às lesões sofridas e morreu no local. Segundo a mídia, o homicídio ocorreu em torno das 11:00 horas da manhã, assustando assim os habitantes da região, pois o crime ocorreu durante a luz do dia. A notícia divulgada atesta por meio de registros policiais que Nakson apresentava diversas passagens por crimes como receptação, direção perigosa e tráfico. Diante disso, perante os crimes pelo quais Nakson foi alvo, a condenação estabeleceu a ele sentença de morte essa é a lei da sociedade qual estamos inseridos.

São trágicos os homicídios ocorridos em Rondonópolis. A maior parte tem como cenário o passeio público, onde as pessoas trafegam a todo momento. De fato, estes acontecimentos revelam que a mídia, com algumas exceções, tem se constituído em um aparelho de atrocidades e desumanização das pessoas. Podemos afirmar que a postagem dos delitos nas redes sociais alimenta um mercado consumidor, quase sempre por vitrinas sociais, mas que ao consumir mantem tais sensacionalistas, historicamente recordistas de audiências.

Neste sentido, SCUDDER (2011, p. 57-58), comenta que (...) o exercício da força, esse ritual de violência, da imposição do poder, novamente trás à tona a questão da teocracia, da dramatização da vida. Sobre a relação entre poder e teatralização, podemos afirmar que a mídia

é produtora incansável de cenas teatrais, de cerimônias que celebram e eternizam punições sobre o corpo negro.

Corpo condenado que padece no chão, sem chance de dar testemunho das circunstâncias em que sua existência se desenvolveu. Tampouco da sua história de vida. Da ausência de políticas de acesso à terra, ao trabalho e a dignidade da pessoa humana. Por outro lado, pela presença de políticas repressivas e violentas protagonizadas pelas polícias e pelas milícias de varias origens representadas no município de Rondonópolis. Do exposto aparentemente a vítima reduz-se a mais um objeto: é nessa condição que sua visibilidade é focalizada e enaltecida. O que se vê não é a pessoa, em sua individualidade, mas o alvo de uma violência iminente que será desencadeada pelo o agente do terror (SOARES; BILL, ATHAYDE, 2005, p.165).

A sensação de impunidade, produzida e veiculada pelas mídias trata-se mesmo de apenas sensação, posto que os adolescentes em conflito com a lei estão sujeitos a pena de privação de liberdade desde os doze anos de idade, estabelece na sociedade o temor desses adolescentes em conflito com a lei, dando – lhes a imagem de inimigos naturais da sociedade os tornam alvos fáceis de linchamentos, torturas, práticas racistas, ofensas e outras agressões verbais e físicas. Esses adolescentes e jovens taxados como bandidos, marginais são punidos desde o nascimento por conta da cor de sua pele, vivem sujeitos a condição de não pertencimento, ou a condição de não-ser, como denomina GROSGOUEL (2017). Assassinados mantidos atrás dos muros, violentados e a mercê das punições que as instituições de fechamento onde são depositados, assentadas no racismo institucional lhes aplica.

Figura 5. Fim de semana termina com três homicídios na cidade. Dois jovens foram baleados no Residencial Francisca Garcete e morreram. Rondonópolis/MT



Fonte: FILHO, (2017).

Disponível em : <https://www.agoramt.com.br/2017/01/dois-jovens-sao-baleados-e-morrem-na-regiao-do-cidade-de-deus/> . Acesso em: 10/12/2017

Segundo o jornal Agora Mato Grosso, foi registrada no dia 16 de Janeiro de 2017, três assassinatos, sendo as vítimas Adilson Protazio Felizarti Fagundes de 24 anos de idade que veio a óbito ainda no local, Lucas Alexssander Oliveira Miranda de 20 anos de idade, que chegou a ser socorrido por amigos, mas não resistiu aos ferimentos e faleceu a caminho do hospital.

As informações arquivadas no boletim de ocorrência informam que as vítimas estavam consumindo bebida alcoólica em uma residência na proximidade do crime cometido, os mesmos estavam na posse de uma bicicleta, e deixaram o local com este meio de transporte, quando os suspeitos se aproximaram das vítimas em veículo Pálio de cor prata, atirando contra a dupla (Agora Mato Grosso, 2017).

Em outra parte da cidade, acontecia mais um homicídio, tratava-se do adolescente Matheus Alves Teixeira de 16 anos de idade, o qual poderia estar agora soltando pipas com seus amigos, seus camaradas. Matheus poderá vir a integrar os números e índices dos mapas da violência sobre adolescentes mortos por arma de fogo, pois veio a falecer após ser atingido por tiros. De acordo com as informações da Perícia Oficial e Identificação Técnica (Politec), o adolescente foi baleado na cabeça e nas costas (ATRIBUNA, 2017). Esta é a realidade da cidade de Rondonópolis, adolescentes sendo alvos de barbaridades, mortos e torturados, punidos pelo olhar da sociedade e da mídia que incentiva e legitima a aplicação do castigo ofertado sobre os adolescentes das periferias.

Na ocorrência acima a Polícia Militar (PM) foi acionada via 190 e, quando chegou ao local, a vítima estava caída ao solo, próxima de uma bicicleta. A equipe do Serviço de

Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) foi chamada, mas apenas pôde constatar a morte do menor (ATRIBUNA, 2017). Diante disso, esses três homicídios registrados no município de Rondonópolis já somam seis ao total de mortes em 2017.

A rapidez com que a notícia abastece a curiosidade da população, a transformação da morte em produto da mídia, distribuída e consumida ofende e promove o pânico dos familiares destes meninos e meninas, diante disso é possível pensar que:

O indivíduo que estará do outro lado da câmara – para quem é filmado e apenas supõe sua futura presença –, este indivíduo imaginado não é de carne e osso, mas o representante ideal da sociedade, em seu aspecto mais profundo de unidade, que se confunde com a Lei e a Moralidade. Conseqüentemente, o observador externo materializado pela câmera precipita a cena sobre um abismo imaginário, carregado de valores e julgamentos – valores e imagens oferecidos pelo repertório de nossa cultura (SOARES; BILL, ATHAYDE, 2005, p.141).

Os discursos ouvidos cotidianamente sugerem que a sociedade, de posse da representação criada no imaginário coletivo pela mídia, realiza o julgamento do acusado, ou seja, o indivíduo que habita a periferia só é visto a partir de seus atos de desobediência. Ou seja, os jovens insubordinados viram alvo de reprovação. Suas presenças não são mais bem-vindas ao meio social, afinal,

Nossa sociedade exige obediência para produzir a criança bonitinha e ordeira, e o jovem confuso, mais adaptável, pronto para ingressar, responsabilmente, na idade adulta. Para quem não se encaixa nessa identidade tolerável, estão destinadas as suspeitas, a assistência e o encarceramento (AUGUSTO, 2013, p. 41).

O padrão de obediência é o procedimento característico de um povo que define o espaço para a sua própria rotulação, modelo de um povo utilizado como fantoche, onde as linhas são transparentes e movidas pelas políticas do Estado para um só caminho: o do controle de tudo e de todos. E para tanto elabora discursos que vivem dando forma a práticas de subalternização, de obediência à normatividade, à manutenção das hierarquias, à submissão das coisas e da vida. É este mesmo discurso que torna aceitável o encarceramento em massa e o extermínio das minorias.

O discurso do qual falamos é o discurso de poder, discurso que determina o que se pensa, o que se ouve e o que se fala sem escalas, diretamente ou indiretamente. O discurso é o limite da existência e a destruição, a liberdade ou a detenção de um sujeito, assim sendo, a lei determina o discurso da disciplina, das tranças, das grades. Ao observar as maneiras de fazer e os rituais de mortificação do eu pesquisados no Centro Sócioeducativo Pomeri. A autora observa que “a trança não regenera ninguém. A trança não remete apenas a prisão, a pena a que

o adolescente é sentenciado, mas a todo ritual, simbolismo, representações e toda tecnologia característica do confinamento”. (SCUDDER, 2011, p. 54 – 55)

Figura 6. Adolescente de 17 anos morre após ser baleado em residência no bairro João Moraes. Rondonópolis/MT



Fonte: CACHEFFO, (2017). Disponível em: <https://www.agoramt.com.br/2017/01/adolescente-de-17-anos-morre-apos-ser-baleado-em-residencia-no-joao-moraes> . Acesso em: 31/05/2018.

Em manchete do dia 11 de janeiro de 2017, o jornal Agora Mato Grosso anunciou que na cidade de Rondonópolis o massacre continuava, mais um adolescente foi assassinado com disparo de arma de fogo. Dizia a matéria: “O adolescente Rafael Henrique Inocência Carvalho (17), morreu após ser baleado na noite de anteontem (10) no Residencial João Moraes, em Rondonópolis” (Agora MT, 2017). Este é mais um exemplo de que mortes violentas rondam os adolescentes e jovens das periferias de Rondonópolis.

Outro jornal registrou também em “primeira mão”, a notícia de um adolescente sendo alvejado a tiros, “O menor seria usuário de entorpecentes, e tinha passagens por roubo, tentativa de roubo e uso ilícito de drogas” (ATRIBUNA, 2017). O adolescente foi morto e o discurso é colocado por ter antecedentes criminais. O adolescente tentou fugir da localidade, porém não conseguiu escapar e acabou sendo atingido e falecendo no local. A própria notícia justifica sua morte. Certamente esta não é uma postura desconhecida, já que:

[...] para a cerimônia foi exposto a exames e humilhações, exibida com irônico despudor pela mídia, vigiada e filmada ostensivamente pela polícia, tratada como um agrupamento de suspeitos. A imagem e o sentido transmitido para a opinião pública omitiram o sofrimento e a morte, como se o cadáver de um homem não testemunhasse

a vida suprimida de um homem, mas a reincidência criminosa dos que choram (SOARES; BILL, ATHAYDE, 2005, p. 89).

Segundo os noticiários locais esses assassinatos cometidos na cidade de Rondonópolis em 2017, provocam preocupações para as forças de segurança pública, visto que, a cidade apresenta uma taxa de homicídios elevada. A evolução dos números de homicídios aumenta a cada dia, mês e ano, tendo como vítima preferencial os jovens negros das periferias. Cabe ressaltar, que os homicídios atingem com maior proporção a população de jovens entre 15 e 29 anos de idade, indicando a perpetuação de uma saga violenta derivada pela a cor da pele.

Diante da matança, fica evidente o extermínio, (...) “a naturalização do fenômeno, e o descompromisso por parte de autoridades nos níveis federal, estadual e municipal com a complexa agenda de segurança pública” (ATLAS, 2017, p. 8). O poder político, aparentemente referenda as ações violentas das forças policiais e milicianas nos bairros de periferia. Este consentimento pode ser verificado durante as abordagens realizadas com o emprego deliberado de palavras grosseiras e de baixo calão, que tentam imprimir nesta população uma identidade negativa a partir de tratamentos como: “Bandidos! Ladrões! Vagabundos! Delinquentes! Maconheiros! Desgraçados! Drogados!, Filhos da puta que não tem o que fazer!”. Estes são alguns exemplos da forma como moradores de periferia são vistos e tratados pela a classe do poder.

O abuso de poder, de certo modo, determina as relações de desigualdade socioeconômica e promove a criminalidade, Foucault ressalta que:

Como o crime é uma espécie de ruptura do pacto, afirmação, condição do interesse pessoal em oposição a todos os outros, (...) o crime é essencialmente da ordem do abuso de poder. O criminoso é sempre, de certo modo, um déspota, que faz valer, como despotismo e em seu nível próprio, seu interesse pessoal (FOUCAULT, 2010, p. 79).

Todavia, a vida no crime também é gerenciada pelas batalhas de poder, o criminoso pode ser aquele engravatado que se satisfaz do poder, que usufrui dos dispositivos de controle, ou aqueles que não garantem seu teto e andam de pés no chão, sua armadura é seu próprio legado de liberdade. Em ambos predomina o interesse por um poder de ordem e dominação. Eis aqui duas classes sociais, mas somente uma delas se satisfaz da impunidade, pois gerencia a lei.

3. O EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA EM RONDONÓPOLIS/MT

“Certa noite, um lindo menino que tinha um lindo futuro pela frente foi vítima” de um crime monstruoso. Era cedo neste dia. E como sabemos uma pessoa não resiste a um tiro profundo na cabeça... isso aconteceu com o meu irmão que não tinha nada a ver com essa história. Mas a vida é assim ninguém vai ser pra sempre. Uma coisa é certa: AMA O QUE É SEU AGORA POR QUE ESSA COISA NÃO É PRA SEMPRE! DEVEMOS QUANDO DÁ TEMPO SE NÃO JÁ ERA TUDO. Quando você ama uma pessoa vem alguém rouba-lhe a “vida” e estraga tudo. Isso é muito ruim! Perder um irmão, um colega, uma família, um amor! Jamais esquecemos um grande amor... Detalhe: não deixe uma tragédia acontecer com você. Sabemos que a família sofre, e o sofrimento machuca, dói no peito, fica uma imensa saudade de uma pessoa que estava perto de nossa alma e que agora não está mais. Por que uma pessoa assim “tão má” pode estragar a vida de uma família? Mais fica um amor profundo que não acaba e não se esquece. “Quem acaba são os fracos que não conseguem fazer nada, só sabem atirar e degustar do sofrimento do outro e encher o saco de quem é do bem”.

Evellyn Ihasmim Oliveira da Silva

O relato acima é de uma adolescente que perdeu o irmão de forma violenta. O sofrimento das famílias que passaram por esta situação, nos ensina sobre o extermínio da juventude negra, neste particular, da cidade de Rondonópolis estado de MT. Para melhor compreensão, traremos alguns dados sobre as taxas de homicídios ocorridos no Estado de Mato Grosso entre 2004 a 2017, por cada 100 mil habitantes. Ao pesquisar a evolução dos homicídios ocorridos em municípios brasileiros, compreende-se que é impossível ignorar a questão da cor. Esses jovens são mortos em decorrência do racismo enquanto isso:

a sociedade, que segue marcada pelo temor e pela ânsia de vingança, parece clamar cada vez mais pela diminuição da idade de imputabilidade penal, pela truculência policial e pelo encarceramento em massa, que apenas dinamizam a criminalidade violenta, a um alto custo orçamentário, econômico e social. (Atlas da Violência, 2017, p. 26).

A Atlas (2017, p. 8) informa que (...) “Um dado emblemático que bem caracteriza a questão, é a participação do homicídio como causa de mortalidade da juventude masculina, 15 a 29 anos, que em 2015 correspondeu a 47,8% do total de óbitos”, e mais “de 318 mil jovens foram assassinados entre 2005 e 2015” (ATLAS, 2017, p. 25), neste quesito, Mato Grosso está

situado em décimo primeiro na faixa etária de números de homicídios entre a idade de 15 a 29 anos nos anos de 2005 a 2015.

Segundo o Mapa da Violência, o ítem HAF (Homicídio de Arma de Fogo), os jovens entre 15 a 29 anos de idade obteve um percentual mais violento e denso nas taxas de homicídios, podemos assim dizer que, esses jovens aparem com um crescimento elevado nas taxas de homicídios que “pula de 3.159 HAF, em 1980, para 25.255, em 2014: crescimento de 699,5%” (Mapa da Violência, 2016, p. 49).

Como já referidos os homicídios atingem com maior proporção, os jovens do sexo masculino:

Pode ser vista a enorme concentração de mortalidade nas idades jovens, com pico nos 20 anos de idade, quando os homicídios por AF atingem a impressionante marca de 67,4 mortes por 100 mil jovens. Mas a escalada de violência começa nos 13 anos de idade, quando as taxas indiciam uma pesada espiral, passando de 1,1 HAF, nos 12 anos, para 4,0, nos 13 anos, quadruplicando a incidência da letalidade e crescendo de forma contínua até os 20 anos de idade (VIOLÊNCIA, 2016, p. 51).

A mortalidade destaca cada vez mais a dimensão de idade das vítimas, todavia, agregado a esse fator observa-se também a discriminação pela cor da pele, o racismo e a desigualdade no desenvolvimento socioeconômico.

De acordo com Atlas da Violência (2017), agregado aos fatores de homicídios estão emprego, cor e salários, a relação entre estes atributos distribuídos nos municípios, permite pressupor também uma fragilidade socioeconômica da juventude negra de periferia, o que parece acarretar uma recorrência a atos ditos criminosos, e o aumento da ação de matar e de morrer nestes espaços das cidades. Além da questão socioeconômica existe também a questão da segurança dos dispositivos que deveriam garantir o direito a segurança e outros serviços públicos à população negra.

Segundo o Mapa da Violência (2016, p. 72):

Como tem acontecido com outros serviços públicos, como a saúde, a educação e, mais recentemente, a Previdência Social, o Estado vai, progressivamente, se limitar a oferecer, para o conjunto da população, um mínimo – e muitas vezes nem isso – de acesso aos serviços e benefícios sociais considerados básicos. Para os setores com condições financeiras, estruturam – se serviços privados de qualidade adequada. Com a segurança vem ocorrendo esse mesmo processo, de forma acelerada, nos últimos anos: quem tem condições econômicas, paga um serviço privado. E a pesquisa domiciliar do IBGE, de 2011, é clara ao delinear quem pode e quem não pode ter acesso a esses serviços: as famílias negras tinham uma renda média de R\$ 1.978,30, em valores de 2011, e as brancas, de R\$ 3.465,30, isto é, 75,2% a mais. Em teoria, os setores e áreas mais abastados, geralmente brancos, têm uma dupla segurança: a pública e a privada; enquanto as menos abastadas, as das periferias,

predominantemente negros, têm de se contentar com o mínimo de segurança que o Estado oferece.

Essa é a situação da população periférica, onde predominam os pobres e os negros, que não gozam de situação financeira suficiente para sequer garantir segurança e alimentação e em decorrência saúde e tampouco educação. Diante deste quadro segregador, a única atitude do Estado e suas instituições quando este povo se desloca e procura reagir é novamente o uso abusivo da força. Nestes momentos todo arsenal de repressão: caveirões, fuzis e helicópteros são acionados.

Nesse sentido é possível verificar-nos próprios veículos midiáticos os adolescentes e jovens sendo caçados, assassinados ou presos, pois as ações das políticas públicas não se ocupam em distribuir de forma igualitária a riqueza coletivamente produzida, a que em tese todos teriam direito. Na direção oposta, a maioria da população branca retém com exclusividade o acesso às instituições públicas, enquanto que à população negra corresponde o mínimo que o Estado se dispõe a proporcionar.

Todavia, a questão aqui é poder salientar as desigualdades socioeconômicas, as disputas pelo poder, a defesa da hierarquia racial, a rejeição pela cor que a população de jovens – negros pobres –, são condenados, quando não são expulsos do convívio social, por conta dos estigmas que os classificam como negros rebeldes, insubordinados, desequilibrados, agitadores, audaciosos, indisciplinados, bastardados, colocando-os como alvos preferenciais do sistema penal, onde a punição e a realidade do povo negro é bem escondida atrás dos muros. Acerca deste tema, Augusto sugere que:

Hoje, pobres, pretos ou quase pretos de tão pobres, continuam a ser o alvo privilegiado das prisões e dos programas de controle a céu aberto que ampliam os muros das prisões – prédios. Mas em meio a tantos controles não se lançam em investidas contra as novas tecnologias de poder? (2013, p. 42).

A população de homens e mulheres, que lotam e frequentam as prisões, ou qualquer outra instituição disciplinar e de controle é em maioria de pobres negros oriundos que são denominados pela a sociedade como insolentes aquele sujeito imoral arrogante que desrespeita a sociedade, malandro aquele que se entrega a vadiagem, bagunceiro aquele que se mete em brigas de *gangs* fazendo reboliço nas estradas escuras das noites sem dormir, violentos aqueles que empregam a brutalidade para semelhar a destruição.

Em relação às prisões SCUDDER (2011), salienta que em teoria as prisões apresentam-se como um espaço onde se coloca o criminoso na tentativa de reeduca-los, ressocializá-los e reintegrá-los ao seio da sociedade, mas que, de fato, as prisões são lugares onde se adentra o sujeito na tentativa de domesticá-lo, pois se trata de um ambiente violento e de fechamento, um lugar de difícil sobrevivência.

Diante disto, os jovens negros de periferia, vítimas de uma comunidade violenta e racista, são eliminados, mortos “todos os anos como se vivessem em situação de guerra” (Atlas da Violência, 2017, p. 30). Não é sem razão que o mesmo documento afirma que os jovens negros têm mais probabilidades de serem eliminados, executados que sujeitos de outra cor e etnia. Os negros correspondem a 78,9% cidadãos com maiores chances de sofrerem homicídios, e também os que têm mais probabilidade de frequentar a prisão.

Denota-se, ao analisar a taxa de assassinatos considerando a população negra entre o ano de 2005 e 2015, duas ações distintas. No mesmo período incidiu um aumento de 18,2% na porcentagem de assassinatos de negros, enquanto que o número de assassinatos de sujeitos não negros reduziu em 12,2%. Isto corrobora nossa afirmação sobre a não existência de um país democrático, e o entendimento de que, de fato, a harmonia racial constitui-se tão somente em um mito.

Segundo a Atlas da Violência (2017, p. 32), as variações entre os homicídios de sujeitos negros em relação aos sujeitos assassinados não negros na média nacional, essa diferença contra os negros aumentou 37,7%. Verificou-se um aumento proporcional da diferença nas mortes violentas de negros em 16 estados brasileiros.

Além de registrar o massacre contemporâneo da população negra, os indicadores reforçam a necessidade de reação desta, do despertar de um povo e do reconhecimento da importância do cuidado de si e do cuidado do outro (FOUCAULT,), chama a atenção para a importância do estudo de nossa genealogia e da organização para a reivindicação e garantia de nossos direitos, do despertar da consciência de que nossas vidas como homens e mulheres negros (as) são valiosas, da urgência em cuidar das crianças e jovens negros e negras, afim de que tenham o direito à existência e vida dignas garantidos. Pois, como afirmava Fanon (...) “quando os intelectuais colonizados foram mais longe, mais fundo, foi com alegria excepcional que descobriram que o passado não era de vergonha, mas de dignidade, de glória e de solenidade”. (1968:27).

Neste sentido, temos evidências de que o genocídio do negro brasileiro contemporâneo permanece em curso, pois quando comparamos os assassinatos de negros em relação aos sujeitos assassinados não negros, aprendemos que:

Quando analisamos a cor da pele da vítima, verificamos que a diferença de letalidade contra negros em relação ao restante da população aumentou. De fato, dois cenários distintos foram observados no período entre 2005 e 2015. Enquanto houve um crescimento de 18,2% na taxa de homicídios de negros, a mortalidade de indivíduos não negros diminuiu 12,2%. Com isso, ao considerar a proporção entre as taxas de homicídios de negros e não negros verificamos um aumento de 34,7% na diferença de letalidade contra negros (ATLAS, 2017, p. 56).

A maquinaria do poder cada vez mais sofisticada molda a sociedade negra e negligência quando os adolescentes negros clamam por seus direitos. Quanto aos pobres em geral, ao lado dos negros são eliminados como carniça que os urubus cercam e se satisfazem até o último pedaço. São cassados, assassinados ou encarcerados como forma de manter a sociedade. Esta maquinaria se satisfaz e se alimenta do nosso medo, que se constitui em uma arma para a nossa própria destruição, e é assim que o racismo se reproduz, é exercido e legitimado por uma sociedade sempre a mercê de seus direitos.

Esses tantos assassinatos são testemunhos de que vivemos em uma sociedade excludente. A falência da população negra demonstra “quão frágil é o equilíbrio em torno da paz social” (Atlas da Violência, 2017, p. 4).

Os jovens negros, filhos bastardos de uma sociedade colonialista são jovens cujas vidas (...) “se esgotam criativa e corajosamente, no “correr” pela sobrevivência, no afrontamento com o destino, extraindo e sorvendo cada diminuta gota de existência que sabem breve e fugaz” (SCUDDER, 2011, p. 43).

Já no caso específico de Rondonópolis, ao analisar as taxas de homicídios registradas na cidade, desperta preocupação com as mortes.

De acordo com o Mapa da Violência (2016, p. 20):

em 1980, as armas de fogo foram utilizadas para cometer 43,9% dos homicídios. Nessa época, a maior parte dos assassinatos era cometida pelo uso de força física, facas, afogamentos/sufocação, etc. Até 1983, o índice cai ainda mais, para 36,8%, praticamente um em cada três homicídios. A partir desse ano, começa uma íngreme escala que vai durar até 2003, quando as AF já são responsáveis por 70,8% dos homicídios.

No período que se estende 2004 à 2014 o crescimento atingiu a média de 11,1% no percentual de homicídios nos estados. O estado de Mato Grosso entre os anos de 2004 à 2014

situou-se na 4ª posição das “UFs pelas as taxas de HAF” (Mapa da Violência 2016, p. 28), O município de Rondonópolis encontra-se entre os 150 municípios com as maiores percentagens de homicídio por arma de fogo em 2014, figurando ainda, entre os quatro municípios mais violentos do estado de Mato Grosso.

Nessa relação, os homicídios entram em uma dimensão de guerra, onde quem está a mercê de tantas violências e mortes é a população negra. Sendo um massacre determinado pela aparência, o status social da pele e a cor. Em um mundo injusto cheio de ódio e desigualdade predomina o racismo, que institui a inferiorização e subalternização pela cor da pele. Segundo Bustamante; Vieira (2017, p. 82):

Sob o véu da tolerância racial e da condescendência institucional, a maioria dos negros permaneceu onde estava – no pé da pirâmide. Nessa posição vulnerável, eles se tornaram como era de prever, a fatia da população mais afetada pela violência. A cada 100000 homicídios entre jovens, trinta mortos são brancos e 82, pretos e pardos. Nas cadeias, a taxa está em 67% - e subindo. Isso não quer dizer, necessariamente, que eles pratiquem mais crimes. São, isso sim, muito mais visados.

Salientamos a peculiaridade de que apesar do sistema colonial escravocrata ter sido extinto no Brasil no século XIX, a herança colonial permanece, assim que a colonialidade do ser, do saber e do poder valida os crimes cometidos contra a população negra, crimes que segundo o Atlas da Violência e o Mapa da Violência são cada vez mais violentos e mais brutais.

No capítulo “O Encontro do Corpo com a Tecnologia do poder” Scudder apresenta uma narrativa que ilustra a condição a que a vida da população negra está submetida desde o nascimento. Diz a autora:

A ordem de Serviço nº. 102, datada de vinte de agosto de mil e novecentos e oitenta e quatro, Cuiabá – MT, registra que o servidor Jair Ferreira Alves, motorista da Fundação Estadual do Bem- Estar do Menor de Mato Grosso, atual Pomeri, tinha como missão levar o corpo de uma criança dessa fundação para Terra Nova, município do interior do estado. Por este traslado que deveria ser cumprido em três dias, Jair receberia Cr\$34.650,00 (trinta e quatro mil seiscentos e cinquenta cruzeiros). Ficou meio ressabiado, isto no começo, mas o dinheiro era tentador e compensava. Além do mais, deve ter matutado, era um motorista da Fundação e, portanto, tinha que aceitar o serviço e pronto. Assim, transportou um corpo não identificado de uma criança, que pelo peso e tamanho, não poderia ter mais que oito anos de idade, logo imaginou. De fato, era um menino negro, como a maioria dos internados. Desde seu ingresso na instituição, Jair percebera que sentia muito o fato de não ter uma família. Era franzino, exageradamente pequeno! A vida fechada na instituição e a impessoalidade do tratamento e das relações o teriam matado. E posto em um caixão para indigentes, desses mesmos feito com madeira barata de caixotes para frutas vendidas nas feiras livres, seu corpo, agora empalidecido, em nada lembrava o bronze característico de sua etnia. A palidez e a esqualidez do defunto, seu cadavérico corpo dada à ausência do sangue, apresentava estranho roxo esverdeado, com manchas amareladas decorrentes de hematomas. Era

assustadoramente pequeno, de uma pequenez aumentada pelos olhos mantidos teimosamente abertos, como a fitar indignados quem, com a curiosidade mórbida dos mortais, vistoriava seu machucado e agredido corpo. Frágil – forte vida, encontrou na morte um meio de escapar à crueldade da instituição. Optou pela morte, ficando deitado na cama de baixo de um beliche de madeira crua, rústico, sem beleza, muito parecido com aquelas camas dos alojamentos nazistas, dos campos de concentração. Apesar do calor costumeiro de Cuiabá, o pequeno sempre sentira muito, muito frio. Sem nome, criança é o que sempre foi. Seu enterramento sem pompa, nem carpideiras para o chorarem, comparável aos velórios dos retirantes nordestinos narrados em Morte e Vida Severina, foi tão somente um extra para Jair motorista do veículo institucional. Ao motorista meio desolado de posse da ordem restou dirigir – se aos setores de pessoal e financeiro para receber pelo traslado. Quanto ao menino franzino de Terra Nova, sobreviveu apenas na fria, empoeirada e bem guardada Ordem de Serviço, hoje atacada por traças proliferantes. Até quando irá resistir? Só as traças podem dizer (SCUDDER, 2011, p. 51- 52).

No fragmento acima, as afirmações: “era um menino negro, como a maioria dos internados” ... “Sem nome, criança é o que sempre foi”, indicam a condição de vida (e morte) de muitas crianças negras que acabam sendo esquarteradas, mutiladas física e emocionalmente em meio a tanta violência e brutalidade, certamente para essa criança a morte era seu livramento da pena e da dor, das punições, das injustiças que a lei acarreta.

A morte desta criança não ficou contida nas páginas de um livro ou de uma ordem de serviço. Ela é exemplar e portadora de ensinamentos. As tentativas de disciplinar o que não é e nem pode ser disciplinado provocam guerras travadas todos os dias, disputas vividas nas instituições de controle e disciplina pelo o controle total do poder. Um número considerável de meninos e meninas, negros e negras suportam a dor do abandono e das agressões para enfim serem enterrados como indigentes, colocados, como disse Scudder (2007), em caixotes feitos com madeira barata utilizada para colocar frutas a serem vendida nas feiras livres, para depois serem sepultados sem o adeus da família.

4. OS CORPOS DOS ADOLESCENTES MORTOS

O presente capítulo terá como objetivo expor de forma objetiva algumas matérias veiculadas na mídia jornalística do município de Rondonópolis, para a partir destas refletir sobre as razões destes homicídios atingirem preferencialmente a população negra, adolescentes e jovens de periferia. Por outro lado, desejamos problematizar o fato de que por parte da população geral, há silenciamentos sobre possíveis comoções ou ações em defesa da vida destes e do outros jovens da periferia.

Nossa sociedade sustenta o sistema punitivo que se desdobra em um movimento contínuo dos encarceramentos e repressões sobre os corpos negros. Entendemos que para corrigir a sociedade e tentar romper com seus paradoxos, é preciso criar mecanismos para que se torne consciente de suas atitudes, entre elas o racismo, para superá-las.

Neste sentido, é importante destacar a proliferação dos dispositivos punitivos de poder. De um lado, setores da sociedade, da mídia e as unidades de aprisionamento satisfazem da domesticação de um ser, sendo aniquiladoras da existência. Por outro lado, o corpo dócil dos adolescentes mortos sendo esquecidos como um tecido muscular humano o qual foi amputado, extraído da sociedade. Consideramos que as manchetes e matérias destacadas pelas mídias estão sempre de acordo com o que um segmento da sociedade quer ver e ouvir. São notícias para consumidores de notícias de violência que se deliciam de escândalos, da glorificação dos agentes da lei, e das milícias organizadas ou não.

4.1 O vazamento da notícia e o desespero da família (relatos)

No dia 18 de janeiro de dois mil e dezesseis as 16:00min horas da tarde, o celular tocou. Logo veio à vontade de dizer “alô” quem fala! Era seu esposo do outro lado da linha. Vem rápido para casa! Quero falar com você! A voz do outro lado da linha estava trêmula, nervosa, dava para imaginar que aquelas palavras escondiam algo estranho, algo que apavorava o destinatário na escuta. Tá bom! Foi o que a esposa disse, já estou indo. Ok, respondeu seu esposo tentando disfarçar o que o estava abalando com um beijo de até logo. Chegando em casa a esposa foi recebida pelo marido com um olhar apreensivo tentando disfarçar que guardava um segredo, demonstrando carinhos, abraços, beijos, dizendo no olhar: “eu estou aqui”. Surpresa ela não ficou, pois recebia atos de carinho a todo o momento, mas ao perceber os olhos vermelho inchado de tanto chorar ficou apreensiva. Ela pressentiu algo, e logo veio à pergunta: O que foi? Você está estranho disse a esposa com firmeza. O esposo a todo o

momento a abraçava e pedia para se sentar, repetia que a amava muito e que nunca iria deixá-la. As palavras a faziam feliz eram versos de amor e consolo. Mas ao perceber no esposo algo de estranho, imediatamente se pôs aos prantos, no momento ela não sabia de nada, mas mãe é mãe. No fundo, estava a imaginar. Pensou em seus filhos. Cadê perguntou a esposa, cadê meus filhos? Sua voz alterada tomou-se de desespero e após rápido intervalo de tempo o esposo falou: Nosso filho! Nosso filho foi morto. A esposa reagiu dizendo que era mentira. E assim ela continuava a dizer mentira! Mentira! Aos prantos sem saber como explicar, nos braços de seu esposo ela se, pôs a chorar. Não dá para entender quão cruel é o ser humano que mata por vaidade e poder. No momento da notícia a mãe grita: Não! Não! Não pode ser! Sem entender o porquê surge a revolta! Diante de perguntas sem respostas surge a raiva! Não há como explicar! Apenas dói! Dói muito. Tanto foi o vazio em seu peito que sem falar, sem reagir a esposa ficou. Uma notícia dessa esvazia a alma, some com os sentimentos, restando apenas a raiva e a culpa. Momentos sobrecarregados de revolta com o mundo, pois veio a tirar o seu bem mais precioso, seu filho. Acabou disse a esposa. Acabou minha vida, e sem mais reação, sem mais expressão ela permaneceu horas, dias, meses e até agora sente muita dor nas ocasiões que fazem com que se lembre de seu filho. Era um adolescente! Menino de tudo! Morreu sem dizer adeus! Mas permanece vivo em muitos corações!

O testemunho acima nos coloca perante a brutalidade da vida. Narrada na primeira pessoa se manifesta a tristeza diante da morte de tantos adolescentes e jovens de nossa sociedade. Os adolescentes são taxados ou denominados como delinquentes julgados como infames e submetidos a medidas de segurança reservadas às pessoas que cometem infrações penais. Isso os provoca a submersão no mundo do crime.

Este é o relato de uma mãe que ainda busca respostas pelo o ocorrido, respostas até agora negadas. Parafraçando Scudder (2011, p. 10) quando diz “não falo destes adolescentes de um lugar distante”, registro que falo do meu adolescente, da minha própria realidade de mãe, de minhas lembranças, dos *eu te amo* muitas das vezes não ditos. Falo do descaso de frações da sociedade e de meu descontentamento com parte da mídia, falo da minha vida, dos meus medos, enfim, falo dos tantos adolescentes mortos, das violências que para com eles são cometidas.

A notícia da morte do adolescente divulgada no Facebook divulgava a imagem de um menino exposto ao chão todo ensanguentado. A exposição o tornou alvo de preconceitos e abusos. Indigente estava escrito na manchete do jornal que repercutiam por várias vezes expondo seu rosto. Sem compaixão pelo cadáver, sem consideração pela família. Foi assim que a notícia foi produzida e, aos poucos, consumida destrinchada. A dor não importa, pois não é um dos seus.

Este relato exemplifica a dor da minha família, ao saber pelos os noticiários a causa da morte de seu filho, que vê o modo como a mídia relata em seus discursos, estabeleceram em seu ente querido a identidade de criminoso e se valer de seu corpo morto para oferecer um banquete à setores da sociedade, está também violada e desrespeitada, porém faminta por mais dor. Estes discursos destroem com várias famílias da periferia. O corpo padeceu exposto no chão. O cadáver foi julgado e condenado pelo poder do discurso oferecido pela mídia noticiosa, e como se não bastasse tamanha crueldade, a mesma revelou em seus comentários: O criminoso é apenas um usuário de drogas! Mais um delinquente fora das ruas! De certa forma, é através da mídia que trará a notícia de que mais um adolescente foi morto em nossa sociedade, se satisfazendo da mediocridade que proporciona alguns minutos de fama e serve-se da difícil realidade em que vivemos.

Mas o discurso de poder que a mídia favorece aos noticiários sobre os adolescentes mortos, revela o cenário de um mundo que necessita diretamente da violência das notícias para sobreviver. De fato, o importante para este setor da sociedade de hoje não é o amor, a compaixão, a solidariedade e a integridade. Para esta fração, o importante são as redes sociais, os noticiários que vasculha e expõe a vida do outro, forma que alimenta uma indústria midiática sangrenta.

Ao não valorizar a história dos adolescentes em conflito com a lei, ao desumanizar os adolescentes e jovens negros de periferia e tornar a todos inimigos naturais da sociedade e perigosos, ao reduzi-los a condições de delinquentes, bandidos, criminosos ou marginais, apagam sua condição de filho ou da filha de serem provenientes de um lar, de pertencerem a uma comunidade afetiva e solidária. Em casa certamente a espera-los estão seus pais, sua família que o reconhecem e o aguardam para velarem seu sono profundo. Diante disso Foucault vai dizer:

A alma do criminoso não é invocada no tribunal somente para explicar o crime e introduzi-la como um elemento na atribuição jurídica das responsabilidades; se ela é invocada com tanta ênfase, com tanto cuidado de compreensão e tão grande aplicação “científica”, é para julgá-la, ao mesmo tempo que o crime, e fazê-la participar da punição (FOUCAULT, 2012, p. 22).

Diante disso, a punição não é julgar o sujeito pelo que não fez, o julgamento é como parte de um ritual punitivo que ao não conseguir controlá-lo e torna-lo dócil, o elimina. Com base nas palavras de Soares, Bill e Athayde (2005, p. 164) “aprendi na própria pele que a gente vê o que a cultura e a sociedade permitem que se veja”. E no que se refere ao ser humano somos modulados tanto na nossa forma de ser, quanto nas expressões de ritmos e linguagens. Somos reprodutores de um ser. Ao expor repetidamente os corpos de adolescentes e jovens negros mortos ao chão, a mídia constrói e consolida de forma simbólica, a ideia de que estas pessoas e corpos não possuem direito de privacidade e seque direito à existência.

De certo modo as notícias alimentam a curiosidade íntima dos consumidores e distribuidores do produto cultural que se satisfazem da desgraça alheia. Leitores que parecem ignorar que suas famílias se encontram debruçados em delírios e no mais profundo abismo. Neutralizados com a dor da perda dos seus entes queridos e, ao mesmo tempo frágeis em postos isolados do convívio social. Na realidade opor-se contra o poder da mídia é se opor a uma parte oportunista da sociedade, a qual se vale do poder da publicidade para seus fins lucrativos.

A respeito disso Augusto comenta:

A vida é uma batalha! Nela enfrentamos alegrias e tristezas; inevitavelmente, mais uma vez, nos deparamos com o trágico e, em muitas delas, com o absurdo da vida. Algumas pessoas só se dão conta nessa hora, e sentem na pele que estão vivos e que a vida, que começou na fecundação presa ao óvulo – essa mesma com v minúsculo, a minha, a sua, a de qualquer um -, e finita (ACÁCIO, 2013, p. 204).

E é nessa perspectiva que atribuímos ao sujeito da práxis, que como diz Paulo Freire, são seres de ações, seres de escolhas de atitudes, de alegrias e tristezas, a vida de certo modo é assim entendida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da experiência dolorosa de perder um filho, jovem, negro e de periferia, surgiu o desejo de escrever sobre minha própria história com objetivo de amenizar a minha dor, expressar parte de minhas perguntas e indignações com setores genéricos por enquanto, e da mídia que expôs seu rosto nos noticiários sem a mínima compaixão e, também em certos momentos me fez sentir – se culpada da maior tragédia vivida por mim e meus familiares.

Com o intuito de mostrar a realidade da violência cometida contra meu menino, meu filho Uéris Luís. Comento aqui meus medos com os demais adolescentes em conflito com a lei que de certa forma são abandonados pela sociedade as quais estão inseridos e pelo poder estatais que não garantem a proteção e o respeito aos seus membros.

Nesse sentido a pesquisa oportunizou a transformação da dor da perda de meu filho de modo violento em conhecimento da realidade da maioria dos adolescentes e jovens negros e negras de periferia que assim como ele foi morto sem direito algum do que as leis estatais oferecem. Deixando ainda mais claro que o que aconteceu com minha família não se trata de um caso isolado, trata – se de mais um triste fato presente nos bairros periféricos e a repercussão exploradora da mídia ao divulgar notícias nas redes sociais como: *facebook, jornais, TVs* e até mesmo expondo assassinatos de jovens e adolescentes em mensagens nas chamadas *fake news*.

A partir da pesquisa realizada em Rondonópolis estado de MT, constatamos que a juventude negra vem sendo sistematicamente assassinada, repito que este não é um fenômeno isolado de qualquer parte do território brasileiro. Na realidade o quadro de assassinatos de adolescentes e jovens negros e negras vem aumentando cada vez mais em nossas periferias.

Verificamos que as mortes são constantes contra esses jovens e adolescentes no município, esta situação vem aumentando cada vez mais e a dor dos familiares continuam, os setores do poder público permanecem com as práticas cotidianas, a ausência de cuidados com os nossos jovens ficam só nas teorias, pois na prática encarceram colocando – os a trás das grades e punem encaixando – os dentro de um caixote, ou mesmo com palavras sensualistas que aquele adolescente era ladrão, viciado, drogado e o mesmo continua sendo frações penais.

Diante desta realidade é possível afirmar que esta situação de desinteresse por parte do poder público provoca indignação, pois a experiência a qual estamos em vias de conclusão, resultou do fato de ter percorrido várias instituições e não obter informações e providências necessárias, o que se constituiu em empecilho para que pudesse ter, quiçá, salvo a vida de meu filho. A morte precoce do meu menino foi e continua sendo um martírio, é difícil lidar com

tamanha perda, com tamanha angústia, sinto-me como se minha vida não existisse e assim destruída.

Ao apresentar esta monografia, socializo um ritual de desabafo, uma ação necessária para muitas mães que assim como eu sobrevivem com o peso de viver a vida com tristeza, amargura, perguntas sem respostas, de viver com a dor de velar um filho. Diante disto, tento buscar em meus pensamentos a certeza de que um dia tudo isso vai melhorar, que essa dor que aparentemente adormece em meu peito vai amadurecer apaziguar, mais sei que nunca vai cicatrizar. Por fim, que em frações de minutos, revivo e acordo com o alerta das lembranças que me perseguem. Porém essas lembranças são tudo que me fortalece perante a o mundo medíocre, e que acima de tudo me permitem lembrar que meu filho sobre o qual escrevo é um vencedor.

ANEXOS

ANEXO 01. Por Uéris Luis Oliveira da Silva

Este relato é baseado na história de vida de Uéris Luis Oliveira da Silva, e tem por finalidade discutir o procedimento ocorrido durante seu envolvimento com as drogas ilícitas. Tal assunto perpassa por uma série de discussões, envolvendo instituições ditas acolhedoras. Estas Instituições enfatizam o trabalho de mãos dadas com a família, o que não tem se concretizado passa de na prática cotidiana. As escolas estaduais e municipais dizem que oferecem o apoio à família e o trabalho conjunto entre escola, família e sociedade das quais os adolescentes estão inseridos, só que na realidade acabam omitindo o subsídio e a negação, justificando que o apoio da escola seria entra muros, isto é, dentro da escola, e a partir da saída daquele espaço cessam suas responsabilidades.

Instituições como o Conselho Tutelar, a Delegacia Feminina, que me orientaram a recorrer, sendo que se tratava de um adolescente e assuntos relacionados ao mesmo, não nos solicitam sequer o preenchimento de questionários que poderiam ajudar, de fato, a um esclarecimento dos fatos e a identificação dos envolvidos. Nem sequer solicitaram uma fotografia do adolescente, e sempre nos deram a mesma resposta: Quando encontrarmos ligaremos para vocês! Ou ligamos mais tarde para pedir novas informações. E nunca mais.

Uma vez eu liguei para passar uma informação que pensava ser oportuna para encontrar meu filho, mas ao invés disso recebi um questionário e, para cada pergunta que me faziam eu tentava desviar o assunto e arriscava explicar o porquê da ligação queria falar sobre o paradeiro do meu filho, mas minhas tentativas foram em vão. E assim, a moça do outro lado da linha me enrolava o quanto ela queria, pois para cada pergunta, argumento sugerido ao encontro, à localidade do paradeiro do meu filho a moça destrinchava respostas sem fundamentos, sem justificativas e ali sem paciência eu desligava o telefone. E já me passou pela cabeça se não era isso o que ela queria, pois por várias vezes liguei e sempre ocasionou a isso.

O Conselho Tutelar teve por tarefa indagar os adolescentes, submete-los a conversas num quartinho com o orientador, o mesmo indagava com perguntas apreensivas e, para cada pergunta gostaria de ouvir a resposta: Porque escolheu este caminho? Qual a sua aceitação na sociedade? Diz-me no que isto vai levar? Qual é a utilidade destas perguntas para os adolescentes, como e em que proporção esta conciliação, ou aparentemente é o futuro de um judiciário mais humano. Entretanto, estas perguntas já vêm sendo perpetradas pela sociedade

em que vivemos, pela família. Então para que brincar de proteger se na realidade acabam reproduzindo a respostas que lhe permitem a ouvi, expõe ao adolescente sua vida pessoal com as ditas visitas mensais.

Portanto esta é uma história marcante e destruidora. Essa história infelizmente faz parte de minha vida. De um garoto generoso, compreensivo e seu envolvimento com novos caminhos e amizades. Muitos falam que a amizade não influencia ninguém, posso sim afirmar que esta afirmação é limitada posto que induz confiança de um para com o outro, e foi com a confiança aos amigos que meu filho descobriu o mundo das drogas ilícitas.

Tudo começou com uma linda história de amor. Dois jovens apaixonados e desta paixão surge o primeiro filho, o primeiro neto. A felicidade dos avós, a alegria dos tios e o amor de seus pais, enfim Uéris Luís era a motivação da família todos o amavam de maneira incondicional.

Os anos foram se passando e até então era um menino dedicado ao lar, cuidadoso responsável e estudioso. No período oposto ao estudo dedicava-se a cuidar de seus irmãos menores, cuidava da casa, pois em alguns momentos eu não estava presente, mas ele estava pronto a ajudar no que fosse preciso. Uéris Luís era um ótimo menino tanto na escola tanto quanto no convívio da família.

De repente começou a mudar, as professoras na escola começaram a me informar sobre seu rendimento escolar suas notas estavam no vermelho, e suas faltas eram frequentes. Saía de casa para a escola mais não aparecia no local. Eu achava que era apenas uma fase, adolescência enfim, na puberdade na euforia de momentos. Mais infelizmente não foi assim... Comecei a perceber que ele estava fumando, razão pela qual pedi para meu marido e pai dele, conversar sobre o assunto. Mas também não adiantou muito. Minha irmã o via nas esquinas com pessoas erradas. Mas infelizmente a mãe é última pessoa a saber das coisas erradas do filho.... Passei a me questionar!

Deus onde foi que eu errei? Meu filho sempre foi muito amado, teve as melhores roupas, os melhores calçados, comeu do bom e do melhor e, no entanto e de uma hora para outra estava fora do caminho certo. A partir daí as coisas só pioravam e, foi ai que tudo começou. Embarcou no mundo das drogas ilícitas, não frequentava mais a escola, e esse foi o fim de um lindo caminho que ele percorreu até então. Até hoje eu digo que ele era um menino com o coração tão puro, inocente, era um garoto muito bom e não merecia esse fim.

Em determinado momento minha mãe e irmãos, convidaram Uéris Luís para viver uns dias em suas casas no sitio, mas não adiantou. Ele, não quis ir... No dia 18 de janeiro, me arrumei

para ir à faculdade, estava angustiada não dormi muito bem, meu coração estava sofrendo por dentro, não sei como explicar, mas sofria e pelo fato do convívio das amigas em sala tentava me esconder atrás das conversas penso que é um refúgio da dor que carrego. E até um momento me escondi bem, mas meu telefone tocou... Era meu marido! Venha para casa que tenho uma notícia para lhe dar, o mesmo não queria falar pelo telefone insistir que ele falasse e não obtive resposta, mas uma voz em minha alma estava me dizendo é seu filho! Meu mundo desmoronou na hora, então comecei a questionar a Deus o porquê de tudo?

Minha Irmã chegou do serviço e, uma amiga a chamou! - Disse que a policia havia encontrado um corpo e podia ser do seu sobrinho... Desesperada a mesma correu e viu as fotos que estava ao celular da amiga e, junto com o pai de Uéris foram ao hospital chegando lá tiveram a noticia que nunca imaginaram escutar na vida: Era ele,... O Uéris Luís. Ah que dor.... Quando cheguei em casa eles não sabiam como me dar está noticia, mas enfim tinham que fazer isso. Naquele momento eu perdi o chão, perdi o rumo e a direção... Além de sua morte a minha vida também acabou.

Até hoje eu não consigo acreditar. Foi tudo tão rápido... foi coisa de um ano ou menos não sei... Hoje, quase sete meses depois eu não tenho mais alegria na vida, não sei mais o que é sorrir, não tenho mais prazer para andar nas ruas, fujo do mundo, tento estabelecer a permanência dele. A todo o momento fecho os olhos e o vejo. Olho algo que ele gostava e o vejo, não aguento ficar sozinha, pois as lembranças vêm e me desespero em lamentos, perguntas sem respostas, ou tenho sim estas respostas, mas não quero para mim.

Desde então a minha vida se limitou da casa para a faculdade, da faculdade para casa. Não desisti da minha licenciatura, pois carrego comigo que Uéris que fez de tudo para que eu pudesse estudar. Ele sempre me incentivou, cuidava de seus irmãos para que eu pudesse seguir os estudos, então continuo por ele. A minha luta é para ele. É difícil lidar com uma perda. Este percurso é doloroso e desgastante. Minha família também sofre muito, pois éramos bastante apegados. Seus irmãos também buscam respostas, me perguntam por que Deus o levou, minha resposta: é não sei. Enfim esse foi um relato de uma mãe desolada... Mais uma família separada por causa das drogas, essa que acaba com os sonhos de muitos jovens. Um jovem que tinha um lindo futuro, uma vida que tinha tudo pra dar certo. Para terminar o meu relato irei discorrer sobre uma linda passagem bíblica a qual me deu forças para me reerguer diante de tamanha fatalidade e dor.

O senhor é meu pastor, e nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mensalmente à águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da

justiça, por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, por que tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia, me seguiu todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do senhor por longos dias. (A BIBLIA, SALMO DE DAVI, 23).

O que levou este garoto a essa vida não foram às palavras de seus pais, não foi à doutrina religiosa da qual seus pais fazem parte, não foi à ausência ou presença da família. Talvez, tenha sido por ironia do destino, seus amigos. Sim estas hipóteses são para mim as mais lógicas a se investigar, pois procuro um amigo dele aqui hoje para conversarmos e não o encontro. Aqueles que vinham à sua casa visitar, que tomava “teres”, seguiam juntamente rumo à escola, sorriam bebiam... Onde estão? Não os vejo mais... Sumiram! As fotos no facebook demonstrando a amizade eterna “somos loucos e amizade fiel” essas eram as frases arranjadas para o grupo de “amigos”.

ANEXO 02. Relato de uma mãe - Cenas Obscuras.

Em ida ao posto de saúde encontrei uma mãe que ali estava falando para as outras mães a qual atentou – se ao discurso que se desenrolava. Essa mãe relatava que não condenava o tráfico, pois para ela era um meio de trabalho como outro. A mesma defendia as mulheres que faziam o mesmo para sobreviverem. Além disso, a mãe informava ainda que para o sustento dela e dos seus filhos fazia está prática, isso seria “seu ganha pão”. *Com o marido preso e com nome sujo na “praça” o jeito é traficar mesmo... Não estou roubando, nem matando.* A mãe ainda comentou que já fora presa e que pegou três meses de prisão. Explicou com muita indignação que ao sair da prisão foi condenada pela sociedade que a culpou antes mesmo de ser julgada. Abaixo registro sua narrativa:

Agora estou do lado de fora das grades, mas o que eu vou esperar se nos lugares onde eu vou ajeitar um trampo não me dão, me negam, pois meus dias como presidiaria me condenam? Então eu não sou contra o tráfico... O tráfico é o que me alimenta eu e a meus filhos, ainda mando dinheiro para meu marido que está preso, na “ala dos irmãos”. (...). Olha “guria” eu reparo nisso sim, têm jovens deste tipo que me procura, mas não vou negar não heim! Falo sim para eles pararem com isso que vão estragar com suas vidas, com suas famílias, tem alguns que eu chego até não vender, mas têm outros que ficam com raiva e se eu não vender, tem um ali logo na frente que vai vender para ele. Uma vez cheguei a um guri e falei que ele era tão bonito e perdido e naquela vida sofrida, pois esta vida é sofrida e passageira a alegria. Mas o moleque comprou o “bagulho” e, nem me ouviu. Passando um bom tempo gurua chega ele me procurando novamente, me falando que tinha algo para me dar e que tinha se libertado desse “câncer” maldito e me deu “guria”, um lindo estojo de maquiagem que o tenho até hoje guardado. O guri lembrou-se das minhas palavras e veio no meu terreiro para agradecer. É emocionante quando alguns desses jovens querem e tem atitude de sair dessa vida, não vou mentir gurua essa vida é boa, mas para quem sabe administrá-la e muitos não sabem e é aonde surge as mortes, mas ele se libertou. Igual te falo gurua, esse guri conseguiu se libertar desse “câncer”, mas são poucos que realmente procuram ajuda e desejam se libertar desse vício.

ANEXO 3. Narrativa de uma mãe - Desespero de A.L.

Em uma noite estava eu e minha família reunidas na sala de casa assistindo TV, de repente ouço bater palmas e minha filha corre para a porta para ver quem é. Escutei uma voz bem longe a dizer: Sua mãe está? E logo minha filha disse: sim, minha mãe está em casa e veio me chamar. Fui à porta para ver quem estava a me procurar era minha vizinha coitada a me ver começou a chorar. Pedi que entrasse que era melhor conversarmos tranquilas dentro de casa e ao mesmo tempo tentei acalmá-la, pois encontrava-se desesperada. A.L. recusou a tentativa de conversarmos dentro de casa, dizendo que ali em pé na porta era o momento certo do desabafo. Então fui ao seu encontro esquivei-me um pouco para o lado esquerdo da porta, me aproximei e perguntei o que compunha os seus tormentos. No meio do escuro vi em seu rosto o cair de uma lagrima, A.L me chamou pelo o apelido que tenho desde criança (Mana), e disse: nós nos conhecemos desde pequenas né? E meu filho e seu filho eram muito amigos né? Respondi que sim. Então mana, meu filho está andando com má companhia, ele saiu do emprego, gastou todo o seu dinheiro e nem sei com o que. Ele bateu a moto e eu fui perguntar para ele o que tinha acontecido e o guri Mana, tentou me agredir. Veio para cima de mim tentando me bater. Eu mana! Que sou sua mãe, têm cabimento uma coisa dessas? Com a voz rouca certamente de tanto chorar A.L. disse: Mana o que eu faço com esse menino? Se não fosse o vizinho amigo dele que estava lá fora vendo a discussão ele teria me batido! Sorte minha Mana que de repente este vizinho apareceu e gritou dizendo bem assim Mana: - Você vai bater em sua mãe guri? Com a voz bem alta. E foi aí que ele parou de me agredir com palavras fortes que machuca, pois praticamente o criei sozinha, o pai dele foi morto quando eu estava grávida dele mana! E é assim que ele me trata com frieza! Egoísta é o que ele é. Ele pegou suas roupas, colocou na sacola, subiu na moto e saiu com toda velocidade sem dizer nada. A.L me perguntou se meu filho era assim comigo, com resposta na ponta da língua e, se alguma vez quis me agredir, respondi que não. Que meu filho era calmo, sensível e que nunca me respondeu e que tenho orgulho de dizer que eu não perdi ele para as drogas, ao contrário ele queria sair e para fazer isso, sair deste mundo tinha que fazer sacrifícios e, esse sacrifício foi feito deu sua vida para não ver sua mãe sofrer e por isso tenho orgulho dele, mas quando penso que o perdi tento fugir da minha realidade, me escondo atrás dos tantos personagens que inventei e sei que algum dia iremos nos reencontrar. Com essas minhas reflexões percebo o que esta mãe está a sentir, vi em seu olhar o desespero e em suas palavras ela ressaltou: Mana! perdi meu filho! Perdi meu filho! Repetidamente ouvi essa frase, umas quatro a cinco vezes. Meu filho está

mudado seu comportamento! Não é mais o mesmo, suas atitudes não são também mais as mesmas, sua vida não é mais a mesma! A.L. queria de mim uma solução para seus problemas. A todo o momento A.L. me perguntava o que deveria fazer. Sem mais delongas expliquei para ela que as mães são as que mais sofrem com estes comportamentos dos filhos e que devemos cuidar deles mesmo que suas rejeições mantenha a negação de sua família. Devemos seguir junto a eles em todo minuto e segundo, mostrar que estamos ali para tudo e para todos. Não virar as costas, não negar o cuidado e o amor que nesta hora eles mais precisam. No momento final de nossa conversa A.L. me pediu que eu fosse conversar, ter um diálogo mais próximo com seu filho com a intenção de persuadir sua opinião sobre o envolvimento com o mundo das “drogas”. A.L. acreditava que sendo eu a conversar com seu filho ele iria me ouvir, que pelos sofrimentos que passei com meu filho. Foi uma trajetória de nove meses em que percorri instituições e mais instituições e não encontrei ajuda. Foi nestes momentos da minha vida que busquei escrever este trabalho. Momentos de rejeição pelos os que detêm o poder. E foi por essas labutas que creio que A.L. quis desabafar comigo e pedir minha ajuda. E quanto a seu filho até a escrita deste relato o mesmo não compareceu ao diálogo, todavia, eu o procuro, mas o mesmo se esquivava.

ANEXO 4. Relato do treinador - A.N

Um senhor, treinador de futebol, ao qual vou me referir por A.D., treina crianças e adolescentes com o objetivo de que os mesmos saiam das ruas. Tenho um filho que treina com ele. Em um dia de treino levei meu filho e fiquei por ali para assistir ao jogo. Então o treinador chegou a mim e me indagou enquanto olhava a minha esquerda debaixo daquelas árvores. Olhei e olhei e o que vi foi angustiante, vi de baixo das árvores meninos e meninas “cheirando pó”, fumando cigarro ou sei lá o que mais era. Estavam de uniforme da escola e naquele momento, provavelmente seus pais pensavam que estavam na mesma, mas não! Estavam ali se deixando levar pelo poder que as drogas têm sobre eles, se sentindo bem na praça, com as amizades e o uso contínuo das “drogas”. O treinador A.D me chamou à prudência. Desabafando explicou: Olha dona! Eu não interfiro, mas incentivo para irem à escola, mandou embora, faço de tudo para que eles não permaneçam nesse caminho, alguns seguem o meu conselho outros não. Mando um embora hoje, amanhã vem mais três, quatro e assim por diante. Você está vendo aqui... Senhora, esse é meu serviço, e é isso que eu faço para arrancar esses adolescentes desses vícios desgraçados! Tenho os meus rebanhos que são muitos, tento adquirir sua confiança e respeito, tirar das ruas os que querem realmente serem “salvo”. Salvos no sentido das ruas que não é um bom lugar para se viver. Tenho pena dos pais, até mesmo deles, mas principalmente dos pais que não sabem o que seus filhos estão aprontando, mas a escola sabe que os alunos não estão na aula, eles fazem chamada não é senhora? Têm os registros de quem faltou ou não, os policiais sabem, pois também senhora, de vez em quando passa por aqui até veem os adolescentes, mas tomam vista “grossa”. Fiquei olhando para aquela situação por vários minutos até que uns dos adolescentes percebeu que eu estava com o olhar fixo neles e saíram do local.

ANEXO 5. Relatos da Tia Dó

O que eu tenho a dizer se resume em poucas palavras, o Uéris pra mim foi mais que um sobrinho, foi um filho que não tive, assim como os outros sobrinhos, mas ele era mais que isso. Criei ele praticamente, dei conselho ensinei a andar de bicicleta, quando ficou internado para fazer cirurgia eu que estava com ele e quando quebrou a perna eu também estava ao seu lado. Nas coisas boas como ir pescar, tomar banho no rio, sair para beber era comigo. Era um menino educado, carinhoso com todo mundo! Estudioso e muito inteligente e alegre, mas gostava de passar raiva nos seus irmãos, mas tudo isso... enfim ia seguir caminho errado. Começou a enfrentar seus pais, não ouvia mais ninguém, tudo era motivo de sair de casa. As únicas pessoas que ouvia eram aqueles que diziam ser seus amigos, mas que agora nem vemos mais. Eu como ninguém imaginava que isso que estava acontecendo com ele iria ter esse fim só quem está vivendo isso sabe. Ouvir as pessoas dizerem que era falta dos pais, dos tios, dos avós dar uma surra quando era pequeno, ou isso aí é por causa dos pais dele que deixaram andar com esses guris da rua... E não era assim, a Maninha e o Luiz, nossa! Amava ele como todos nós fazíamos de tudo pelo Uéris Luís, a Maninha pessoalmente... e agora colocar a culpa em alguém é fácil, apontar o dedo é mais fácil ainda, quero ver presenciar tudo isso. Agora; sabendo de uma hora pra outra que encontraram um menino agonizando lá não sei na onde e é seu sobrinho, meu chão abriu sob mim. Não acreditava! Para mim todos estavam brincando, só acreditei quando vi aquela situação, que não desejo nem que meu pior inimigo passe por isso que estamos passando. E por cima as pessoas falarem que ele foi tarde, as pessoas falarem que ele estava fazendo coisa ruim. Eu não acredito até porque com os avós ele era maravilhoso! Agora só ficou a saudade das coisas boas que temos. Sei que onde ele estiver que é ao lado de Deus ele está melhor que antes, melhor do que ele estava passando e não esqueci dele. Para mim ele estará sempre ao meu lado por que nem toda distância é esquecimento vou amá-lo além da vida.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. **Salmo de Davi**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. Velho Testamento e Novo Testamento.

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. In: _____. **História da Educação (ASPHE)**. Pelotas: Editora da UFPel. v.14, n. 1, 2003. p. 79-95. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4061438> acesso em 03/03/2019.

ATHAYDE, Celso; BILL Mv; SOARES, Luiz Eduardo. Flashes do Inferno e da Redação. IN: **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

AUGUSTO, Acácio. Governo das políticas. IN: **Política e Polícia Cuidados, controles e penalização de jovens**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

AZAMBUJA, Celso Candido de. **Introdução ao método genealógico de Nietzsche**: Florianópolis. V.12, n.1, p.127 – 142, jun. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1677-2954.2013v12n1p127> acesso em 12/10/2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BUSTAMANTE, Luisa; VIEIRA, Maria Clara. **Vergonha Brasileira**. Revista Veja v.50, n. 47. São Paulo: Ed. Abril Cultura, novembro, 2017.

CERQUEIRA, Daniel et alii. **Atlas da Violência**. Rio de Janeiro: IPEA, 2017.

DAVIS, Angela Y. **Mulheres, Raça e Classe**. 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michael. Aula de 29 de janeiro de 1975. In: **Os Anormais**. São Paulo: ed.WMF Martins Fontes, 2010, p. 69 – 92.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1979, p.167-178.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 40. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GROSFOGUEL, Ramón. **Los derechos humanos y el antisemitismo después de Gaza**. Bogotá-Colômbia: Universitas Humanístico. 68, julio-diciembre de 2009.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In NÓVOA, A **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

MORAIS, Ricardo Manoel de Oliveira. **Relevância do Método Genealógico para Hermenêutica Jurídica**. XXIII Encontro Nacional do CONPEDI da Universidade Federal de Santa Catarina. CONPEDI, 2014. Pág. 157 – 171. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=88fb5550341fd3bb> acesso em 03/03/2019.

MORUZZI, Andréia Braga; ABRAMOWICZ, Anete. **Pressupostos teórico –metodológicos da genealogia: Composições para um debate na educação**. Filosofia e Educação: Revista Digital do Paideia. V. 2, n. 2, p. 168 – 180.

SCUDDER, Priscila de Oliveira Xavier.: **Pomeri: espaço de reclusão – máquina de guerra**. Rio de Janeiro: CBJE, 2011.

WAISELFISZ, J.J. **Mapa da Violência. Homicídios por armas de fogo no Brasil**. Rio de Janeiro: FLACSO/CEBELA, 2016.

FIGURAS. Disponível em: <http://www.tribunamt.com.br>

<http://www.tribunamt.com.br/2017/05/sete-pessoas-assassinadas-em-menos-de-uma-semana/>.

<http://www.tribunamt.com.br/2017/05/policia-registra-dois-homicidios-em-menos-de-24h3/>

<http://www.tribunamt.com.br/2017/04/jovem-foi-morto-por-vinganca-diz-policia/>.

<http://www.tribunamt.com.br/2017/04/jovem-e-perseguido-e-morto-a-tiros-no-meio-da-rua/>

<http://www.atribunamt.com.br/2017/01/17/fim-de-semana-termina-com-tres-homicidios-na-cidade/>

https://issuu.com/teste_atribunamt/docs/edi_c3_a7_c3_a3o_20-20141117 acesso em 10/12/2017.

Dois jovens são baleados e morrem na região da Cidade de Deus. Disponível em:

<https://www.agoramt.com.br/2017/01/dois-jovens-sao-baleados-e-morrem-na-regiao-do-cidade-de-deus/> acesso em: 31/05/2018.

Adolescente de 17 anos morre após ser baleado em residência no João Moraes. Disponível em:

<https://www.agoramt.com.br/2017/01/adolescente-de-17-anos-morre-apos-ser-baleado-em-residencia-no-joao-moraes> acesso em: 31/05/2018.